





*Este Livro pertence  
ao Mosteiro de Santo Iago*

*Antonio de  
Lima*

**O MOSTEIRO DE SANTO IAGO**

0

# MOSTEIRO DE SANTO IAGO

DRAMA EM VERSO

(ASSUMPTO DA OPERA FAVORITA)

Approvado pelo Conservatorio Dramatico Brasileiro

POR

L. A. Burgain

REPRESENTADO PELA PRIMEIRA VEZ NO THEATRO DE S. JANUARIO  
NO DIA 6 DE MARÇO DE 1860



**RIO DE JANEIRO**

Á VENDA EM CASA DE

**EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT**

Rua da Quitanda, 77

—  
1860

**TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT**  
Rua dos Invalidos, 61 B

## DISTRIBUIÇÃO

PERSONAGENS	ACTORES
AFFONSO XI, rei de Castella. . .	Os Srs. Thomaz.
FERNANDO, noviço . . . . .	Germano.
BALTHAZAR, superior . . . . .	Nunes.
D. GASPAR, mordomo do paço.	Flavio.
1º CAVALLEIRO. . . . .	Ribeiro.
2º CAVALLEIRO. . . . .	Guimarães.
D. LEONOR DE GUSMÃO. . . . .	As Sras. D. Manoella.
IGNEZ, sua confidente. . . . .	D. Carmella.
UM PAGEM. . . . .	N. N.

Damas, Cavalleiros, Pagens, Guardas, Frades, Peregrinos.

Castella — 1340

N. B.—Os Srs. empregarios que quizerem levar á scena este drama podem, para a musica, dirigir-se ao autor, nesta Côte, rua d'Alfandega n. 136, ou, caso se tenha mudado, á Livraria dos Srs. E. & H. Laemmert, rua da Quitanda n. 77.

—•••••

## AO EXIMIO ARTISTA DRAMATICO

GERMÃO FRANCISCO DE OLIVEIRA

AMIGO.—Mais que muito contribuistes para dar ao meu nome algum realce, levando repetidas vezes á scena, como empregario, tanto na Côte como nas Provincias, os meus dramas LUIZ DE CAMÕES, PEDRO-SEM, CASA MALDITA, TRES AMORES, MOSTEIRO DE SANTO IAGO, e, sobretudo, fazendo nelles o principal papel, interpretando magistralmente o Homero Lusitano, o orgulhoso Pedro, o Diogo da CASA MALDITA, o Rei dos TRES AMORES, e, finalmente, o Fernando do MOSTEIRO DE SANTO IAGO.

Portanto, offerecendo-vos como um penhor de estima e amizade a ultima e mais recente destas composições, tambem obedeço a um sentimento de justiça e gratidão.

Gloria, saude e prosperidade.

L. A. Burgain.

---

# O MOSTEIRO DE SANTO IAGO

---

## ACTO I.

### Ⓞ Noviço e o Pagem.

O theatro representa a extremidade de uma das galerias lateraes que rodeiam o convento de Santo Iago de Compostella. A' direita descobrem-se, entre a columnata da galeria, as arvores e as sepulturas do claustro. A' esquerda vê-se a entrada da capella que encerra as reliquias de Santo Iago. O fundo é formado por um muro de recinto onde se abre uma grade. Começa a escurecer.

### SCENA I.

*Os religiosos entram na galeria, para d'ali dirigir-se á capella.  
Fernando e Balthazar entram por ultimo.*

CÔRO.

Na santa morada  
Do Omnipotente  
Nossa prece ardente  
Suba até os céos.  
Teus humildes votos  
No altar divino,  
Pio peregrino,  
Offerece a Deos.

*Entram todos na capella, menos Fernando.*

### SCENA II.

#### FERNANDO.

Ide orar, ide vós, que eu já não posso :

Os labios sim se movem,

Palavras articulam ; mas a mente

Inquieta bem longe daqui vaga.

Pobre pai ! . . . sim, meu pai ! pois com mais zelo

Poderia criar a minha infancia.

Velar a minha incauta mocidade,

Se a vida realmente lhe devesse ?

Pobre pai ! cuidou sempre qu' em seu filho  
Tivesse o doce amparo da velhice.  
E agora, quebrantado pelos annos,  
Já proximo ao sepulchro, abandonal-o !

Sim, é força partir ; mas sem fallar-lhe,  
Eu não posso ; e comtudo, onde encontra-a ?  
Quatro dias sem vê-la ! quatro dias !  
Meu Deos ! que lhe terá acontecido ? !  
Talvez doente... talvez... Ah ! nem pensal-o !

Tambem, porque calar-me  
Com tanta persistencia

Seu nome e condição, sua morada ?  
Quem sabe se de mim zombar queria,  
E se já esquecida... Oh ! desgraçado !...  
Ver aberto na terra o paraíso,  
E ficar para sempre n'este inferno !...  
Mas de mim não zombára impunemente.

Havia descobril-a,  
Exprobrar-lhe a perfídia,

Lançar-lhe em rosto a minha paz perdida,  
Toda minha existencia aniquilada ;  
E se um rival... Ah ! Deos o não permitta !  
Um rival ! O seu sangue, a sua vida...

*Durante os dois ultimos versos, Ignez, vestida de  
pagem, entrou com precaução, parecendo procurar al-  
guem. Meio escuro.*

## SCENA III.

FERNANDO, IGNEZ.

FERNANDO.

(Oh ! alguém m'espreitava.)

IGNEZ.

(Sim... é elle.)

FERNANDO.

Procurais por alguém ?

IGNEZ.

Pelo noviço

Fernando.

FERNANDO.

Aqui me tendes ; e...

IGNEZ.

Mais baixo.

Estamos sós ?

FERNANDO.

Estamos.

IGNEZ.

Eu tenho que dizer-vos  
A sós duas palavras.

FERNANDO.

Fallai, gentil mancebo.

IGNEZ.

Estais bem resolvido ?

FERNANDO.

Resolvido ?

A que ?

IGNEZ.

A nada.

FERNANDO.

Não vos comprehendo.

IGNEZ.

Nem eu a vós. Adeos, gentil noviço.

FERNANDO.

Ah ! suspendei ! E' esta a vez primeira

Que sóa em meus ouvidos

Esta falla tão meiga ; mas o rosto

Não m'é desconhecido.

IGNEZ.

Se tratássemos

D'outro rosto, talvez...

FERNANDO.

Ah ! que suspeita !

IGNEZ.

Não serieis tão falto de memoria.

FERNANDO.

Vindes da sua parte....

IGNEZ.

Assim parece-vos?

FERNANDO.

Sim, sim, é ella!...

IGNEZ.

Quem?

FERNANDO.

A gentil dama

Que sempre acompanhou-a.

IGNEZ.

Pouco importa.

FERNANDO.

Emfim! eu vou saber...

IGNEZ.

O que? vejamos.

FERNANDO.

Quem é? como se chama? em que asylo

Poderei encontral-a?

IGNEZ.

Não posso responder-vos.

FERNANDO.

Ah! por quem sois, seu nome!

Seu nome, afim que possa

Graval-o neste peito, onde já vive

Sua imagem querida; afim que possa

Invocal-o de dia,

E de noite, em meus sonhos, repetil-o.

IGNEZ.

Não mais! Este segredo

Não me pertence; e quanto

Direis a tal respeito

São palavras perdidas.

Tornemos ao que importa.

Estais bem resolvido?

FERNANDO.

A tudo para vél-a, possui-a.

IGNEZ.

Devagar, devagar, gentil noviço.

Não sei se no convento

As cousas assim andam; mas, lá fóra,

Não se fazem com tanta ligeireza.

N'uma palavra, não quereis ser monge?

FERNANDO.

Não, não! mil vezes não!

IGNEZ.

E na verdade

Seria pena. — Ouvi; é quasi noite.

Antes que o sol resurja n'horizonte,

Sahireis do convento.

FERNANDO.

Para sempre!

IGNEZ.

E aonde ireis?

FERNANDO.

Não sei.

IGNEZ.

Estes amantes

Andam loucos, e sempre necessitam

De quem pense por elles.

FERNANDO.

Haveis-de ser meu guia.

IGNEZ.

E vosso padre mestre.

Os annos e a figura assaz m'ajudam.

FERNANDO.

Oh! fallai serio! Vêde que um momento...

IGNEZ.

Dizeis bem. Conheceis a hospedaria

Dos Romeiros?

FERNANDO.

Sim.

IGNEZ.

Logo que fôr noite,  
Para lá guiareis os vossos passos.

FERNANDO.

Stá dito.

IGNEZ.

Pelo quarto  
Perguntareis do moço Henrique.

FERNANDO.

Henrique,

Não m'esquece.

IGNEZ.

Esse quarto será vosso.  
E agora, sois valente?

FERNANDO.

Sou Castelhana

IGNEZ.

Bem! Amais a gloria?

FERNANDO.

Só com gloria é que posso merêcel-a!

IGNEZ.

Trocareis este traje de noviço  
Por um rico trajar de cavalleiro.  
Das contas em lugar, trareis á cinta  
Uma espada...

FERNANDO.

Uma espada!

IGNEZ.

E na cabeça,

Em lugar do capuz, um capacete.

FERNANDO.

O' meu Deos! o que fiz por merecer-lhe  
Tanta sollicitude?...

IGNEZ.

Pouco ou nada.

Mas que importa? Sabeis que quasi sempre  
O que menos merece mais alcança.

FERNANDO.

E como poderei agradecer-lhe. . .

IGNEZ.

Obedecendo em tudo ás suas ordens,  
Sendo discreto, e nunca dirigindo  
A seu pagem perguntas importunas,  
Espalhadas ao vento. (Assim me livro  
D'outro interrogatorio.)

FERNANDO.

Tu, ao menos. . .

IGNEZ.

*Tu!* bravo! muito bem! Já somos intimos!

FERNANDO.

Perdoai-me; julguei fallar ao pagem.

IGNEZ.

Ora bem!

FERNANDO.

Porém vós. . .

IGNEZ.

Não! realmente

O *tu* é mais bonito!...

FERNANDO.

Tu, vós, como quizeres,  
Qu'ides ter a ventura

De vel-a, de fallar-lhe. . .

IGNEZ.

Uma ventura

Que sei apreciar; talvez não tanto  
Como vós.

FERNANDO.

(Já se vio!) Dize-lhe. . .

IGNEZ.

Nada

Lhe poderei dizer, qu'ella não saiba  
Melhor do que vós mesmo.

FERNANDO.

Não poderei mandar-lhe uma lembrança  
D'amor, de gratidão!

IGNEZ.

Da vossa parte,  
Direi quanto diria se o negocio  
Fosse comigo. Então, estais contente?

FERNANDO.

E que remedio! — E quando fôr chegado  
Ao lugar onde assiste esse diabinho  
Da mão furada, a quem chamais Henrique?

IGNEZ.

Ficareis esperando mudo e quêdo,  
E pouco tardareis em ter noticias  
Da vossa bella fada e do diabinho.

FERNANDO.

Quando? quando?

IGNEZ.

Não sei; mas será breve.

Até lá, nem um passo; uma palavra  
Tudo póde perder.

FERNANDO.

A vós m'entrego.

IGNEZ.

Pois bem. Fechai os olhos, e deixai-vos  
Levar pela corrente; ha de guiar-vos...

FERNANDO.

Á ventura!

IGNEZ.

(Talvez ao precipicio!)

FERNANDO.

Gentil pagem! não tenho com que possa  
Retribuir-te tamanho beneficio...  
Toma este abraço.

IGNEZ.

Então, o que me dizem

Do modo de pagar? Estes noviços  
Tem tal ingenuidade, tal candura!

FERNANDO.

Ah! não queres?

IGNEZ.

Pois não, irmão Fernando!  
Sendo vós um noviço, eu sendo um pagem,  
Não póde haver peccado.

FERNANDO.

Nem por sombra.

(*Dá-lhe um beijo.*)

E' um beijo d'irmão.

IGNEZ.

(*E de noviço.*)

FERNANDO, *segurando-a pela capa.*  
Agora, has de escutar! Dize a tua ama...

IGNEZ.

E sabeis...

FERNANDO.

Dize aquella que t'envia,  
Que sem ella não vivo, que só ella  
E' o sol que fulgura nós meus dias,  
O astro que scintila em minhas noites;  
Que longe de seus olhos  
Ando cego e perdido, e que não hei-de  
Gozar um só momento de socego  
Emquanto novamente  
Não possa contemplar seu rosto angelico,  
Ouvir extasiado  
Seu fallar tão suave;  
Beijar-lhe respeitoso  
A borda do vestido; que meus dias...

IGNEZ.

Basta! basta! Meu Deos! onde foi elle  
Aprender tanta cousa?

FERNANDO.

Dize ainda

Que por ella...

IGNEZ.

Largai-me! Direi tudo,  
Caso possa caber-me na memoria

Uma cousa tão bella e tão comprida!  
Agora, adeos!...

FERNANDO.

Espera!

IGNEZ.

E s'entretanto,  
Quereis beijar a margem d'esta capa...

FERNANDO.

Dize-lhe mais...

IGNEZ, *sahindo*.

Adeos! E' mais que tempo.

(*Mais escuro.*)

#### SCENA IV.

FERNANDO.

Amado! amado d'ella! seu esposo!  
Junto d'ella passar a minha vida!  
E' noite! estou só... Vamos, que mais tarde,  
Quem sabe!... Mas partir, partir, sem vê-lo!  
Partir sem receber a sua benção.  
Partir sem estreital-o n'estes braços!  
Sem lhe beijar à mão, agradecer-lhe  
Vinte annos de cuidados e ternura.  
E comtudo é forçoso, ou renunciar-te,  
A ti, a meu amor, a minha vida.  
Bem o conheço, e fôra desatino  
Esperar que deira á minha supplica:  
Não deixará partir o seu Fernando;  
Tratará de loucura o meu designio.  
Perdido ha-de julgar-me se transponho  
O limiar do mosteiro; e se do amigo,  
Do pai, os rogos não bastarem, pôde  
Valer-se do rigor, prender-me; e emtanto,  
De mim o que será? que será d'ella?  
Não ha que recuar. Eia! Alguem dia,  
Voltarei, talvez breve, e triumphante.  
Ama a seu filho e deve perdoar-lhe.  
Vamos!

#### SCENA V.

FERNANDO, BALTHAZAR.

BALTHAZAR.

Detem-te!

FERNANDO.

Céos!

BALTHAZAR.

O pé furtivo

Onde moves?

FERNANDO.

(Estou aniquilado.)

BALTHAZAR.

Não respondes?

FERNANDO.

Senhor... meu pai!..

BALTHAZAR.

Ouvi-te

As ultimas palavras:

Um dia voltarei.

FERNANDO, *ajoelhando*.

E accrescentava:

Ama a seu filho, e deve perdoar-lhe.

BALTHAZAR.

Perdoar-te, mas que? Ergue-te, falla.

FERNANDO.

Não posso, não m'atrevo.

BALTHAZAR.

Desde o dia feliz, abençoado,  
Em qu'infante acolhi-te n'estes braços,  
Vinte annos são passados, e em vinte annos  
É esta a vez primeira

Qu'em teu peito s'oculta um sentimento  
Que te faça córar e que não possas  
Revelar a teu pai! Mas se não queres  
Fallar ao pai, responde ao sacerdote!

FERNANDO.

Meu pai! eu amo!...

BALTHAZAR.

Tu! que tenho ouvido!

FERNANDO.

Eu amo! perdoai-me!

BALTHAZAR.

Desgraçado!

É pois nesta morada veneranda,  
Onde vêm expirar as paixões todas;

Neste santo refugio

De tão pios varões; entre estas campas  
Onde dormem o somno derradeiro;

Em face dos altares

A que deves em breve consagrar-te;  
Aqui, ao pé da cruz, onde Deos-Homem  
Com seu sangue lavou as nossas culpas,  
Que vens alimentar chammas impuras,  
E soltar este grito impio, sacrilego!

FERNANDO.

Eu amo! piedade!

BALTHAZAR.

Ergue-te; dize

Como entrou em teu peito esta peçonha.

FERNANDO, *erguendo-se.*

(Meu Deos!) Era no templo.

Ajoelhado ao altar de Santo Iago,

Entre os pios romeiros,

Que vinham dirigir-lhe suas preces,  
Unia a minha voz aos santos hymnos,  
Quando voz divinal em meus ouvidos  
Veio retumbar com magica harmonia.

Ergo a frente. A meu lado

Orava uma mulher... Que digo? um anjo!  
Nunca virgem da terra nem celeste  
Em meus sonhos tão bella appareceo-me!  
De susto e de prazer estremeci-me.

Deu fé do meu enleio;

Vivo rubor ás faces assomou-lhe,  
E senti que meu ser se transformava.

Ao sahir da capella, agoa sagrada

Tremendo offereci-lhe.

Ai de mim! Sua mão tocou na minha,  
Nossos olhos de novo s'encontraram,  
E completa ficou minha ruina.

BALTHAZAR.

(Desditoso!) Prosegue!...

FERNANDO.

Que mais posso dizer? Tornei a vél-a!

BALTHAZAR.

Onde?

FERNANDO.

Aqui.

BALTHAZAR.

Justo céo! E essa profana

Quem é? como se chama?

FERNANDO.

Tudo ignoro;

Mas sou amado, amado! o mais que importa?!

BALTHAZAR.

O' filho! torna a ti d'este delirio!

Pois por uma mulher desconhecida,

De ti, de teu amor, talvez indigna,

Queres despir teu manto d'innocencia,

Renunciar a Deos, ao teu futuro,

E fugir destas sombras protectoras

Onde em paz tão ditosa já viveste?

Tu, Fernando, meu filho, a quem criei

Com tanto amor, em quem hei concentrado

Todo o terrestre affecto; que devias

Herdar o meu lugar, e talvez breve

Ao cansado ancião fechar os olhos,

Queres desamparar-me na velhice,

E privar-me d'um filho tão querido!

FERNANDO.

(Podia supportar a sua colera,  
E contra sua dôr não tenho forças!)

BALTHAZAR.

Fernando, inda não sabes  
Qual seja a tua origem;  
Não sabes como entraste no convento.  
Escuta-me.

FERNANDO.

Fallai.

BALTHAZAR.

E vê se queres,  
Se podes arrancar-te dos meus braços.  
Ha perto de vinte annos,  
— Era uma noite escura e procellosa —  
Soava meia noite; e, solitario,  
Inda estava no templo prosternado  
Aos pés da Santa Virgem,  
Orando pelos pobres caminhantes  
Entregues ao furor da tempestade.  
Eis que duas pancadas  
Ouço bater á porta do mosteiro.  
Levanto-me assustado; e, não querendo  
Do velho guardião cortar o somno,  
Pego na luz, e vou abrir, julgando  
Ser algum viandante transviado,  
Que abrigo vem pedir-nos para a noite.  
Ninguém vejo; e já ia recolher-me,  
Quando um gemido apenas perceptivel  
Aos ouvidos chegou-me. Abaixo os olhos.  
A meus pés, estendida sobre a pedra,  
Jazia uma criança recém-nada,  
Tranzida pelo frio, semi-morta.

FERNANDO.

O' minha mãe!

BALTHAZAR.

Tomei-te n'estes braços,  
Aqueci-te a meu peito, e jubiloso

Corri agradecer á Mãe dos homens  
O filho, o doce amparo qu'enviava  
Ao triste religioso sem familia.  
Prometti ser teu pai; e dize, ingrato,  
S'algun dia esqueci minha promessa.

FERNANDO.

Esquecel-a! jámais! Nem um só dia  
Deixei de achar em vós o pai mais terno!

BALTHAZAR.

E querias, comtudo, abandonar-me!..

FERNANDO.

Meu pai! meu bemfeitor! tudo vos devo;  
E em nome d'esse amor que vós consagro,  
Vossa obra completai—A liberdade!

BALTHAZAR.

Nem mais uma palavra!—A liberdade!

FERNANDO.

A vida!

BALTHAZAR.

A perdição!

FERNANDO.

A liberdade!

Embora me despenhe n'um abismo!

BALTHAZAR.

Emmudece!—Fernando, has offendido  
A Deos, e Deos lançou o teu espirito  
Nas trevas da loucura. Sim! és louco,  
Mas vou tirar-te os meios de perder-te,  
Salvar-te a teu máo grado,  
E virás algum dia  
O rigor salutar agradecer-me.  
Holá! Irmãos! alguém!

*Entram alguns frades.*

Em sua cella

Predei este rebelde, este insensato.  
Por elle respondeis-me.

FERNANDO.

Vamos! — Padre!

Inda tendes que dar-lhes outra ordem.

BALTHAZAR.

Qual?

FERNANDO.

Mandai-lhes cavar-me a sepultura.

Vós me déstes a vida; e este presente,

Ainda que fatal, vos agradeço.

Retomal-o quereis; quereis qu'eu morra...

Pois bem, hei-de morrer. Sim! longe d'ella,

Hei-de morrer, morrer desesperado,

Renegando a meu Deos; mas, em presença

D'esse Deos vingador, qu'hade julgar-nos

Haveis de responder por minha morte

N'esta vida, e na outra pela perda

De minha alma arrojada nos infernos!

BALTHAZAR.

Onde estou? quem fallou? Desventurado!

Vai-te! foge!

FERNANDO.

Perdão!

BALTHAZAR.

E nunca tornes

A manchar este asylo!

FERNANDO.

Piedade!

BALTHAZAR.

Arreda-te!

FERNANDO.

Meu pai! a vossa benção!

BALTHAZAR.

Não me toques!

FERNANDO.

Partir amaldiçoado

Por Deos, e por meu pai! Estou perdido!

A maldição terrível que lançou-me

Sobre mim pesará eternamente;

Enunca raiará em minha vida

Um dia de ventura! Adeos!

BALTHAZAR *commovido*.

Fernando!

FERNANDO *ajoelhando*.

Perdão!

BALTHAZAR.

Eu te abenção!

FERNANDO.

Meu pai!

BALTHAZAR.

Não posso

Resistir. E' forçoso. Vai-te, filho,

Pois que Deos e teu pai já te não bastam.

Deos não aceita corações forçados.

Com seu divino auxilio, tua ausencia

Poderei supportar. Mas essa dama...

FERNANDO.

Brevemente terei noticias d'ella.

BALTHAZAR.

Se for digna de ti, sé venturoso,

Embora de teu pai seja distante!

FERNANDO.

Mais que um pai indulgente e compassivo!

BALTHAZAR.

Mas não quero deixar-te ao desamparo.

Metade das riquezas...

FERNANDO.

Nada quero!

As luas do Propheta inda tremulam

Em Tarifa, e a trombeta bellicosa

Chama ao campo da gloria os Castelhanos.

Deixai-me conquistar com minha espada

Gloria, fortuna, amor, felicidade!

BALTHAZAR.

Sim ! combater por Deos e pela patria  
 Inda é servir a Deos ! — Mais este abraço !  
 Pobre filho ! na flor da mocidade,  
 Queres inexperiente aventurar-te  
 Nos procellosos mares d'este mundo ;  
 E Deos queira mais tarde não lamentos  
 O porto venturoso que deixaste.  
 Grava em teu coração os meus preceitos.  
 S'algum dia, porém, desabusado  
 Das glorias mentirosas d'esta vida,  
 O coração sentires apertado  
 Pela mão da desgraça, volve os passos  
 Para este santo asylo onde saudoso  
 Fico orando por ti. Se de teus olhos  
 Tem de o pranto correr, vem derramal-o  
 Nos braços de teu pai, de teu amigo ;  
 E se Deos o tiver a si chamado,  
 Ajoelhado na minha sepultura,  
 Fita os olhos no céu, que sobre a terra  
 Tudo é sonho e vaidade ! — Agora, vai-te !

FERNANDO

Adeos ! adeos, meu pai !

BALTHAZAR.

Adeos, Fernando !

Adeos, meu filho ! — Irmãos ! orai por elle !...

FIM DO PRIMEIRO ACTO

## ACTO II.

O Prazo dado.

Uma varanda dando sobre um jardim.

SCENA I.

D. GASPAS , PAGEM.

GASPAR , *entrando.*

Olá ! alguém !

PAGEM.

Senhor. . . .

GASPAR.

A' senhora condessa  
 De Villa-Branca , dize  
 Que vai á sua alteza reunir-se  
 D. Gaspar de Mendoga ,  
 E que vem receber as suas ordens. (*Sahe o pagem.*)  
 Condessa ! Leonor ! a favorita !  
 A filha , e filha indigna ,  
 D'um pobre capitão do nosso exercito.  
 E , para não cahir no desagrado  
 D'el-rei , é necessario  
 Qu'eu , fidalgo do sangue mais illustre ,  
 D. Gaspar de Mendoga ,  
 Conde de Capa-Perros ,  
 E mordomo do paço ,  
 Eu venha aqui pedir-lhe suas ordens !  
 Vergonha ! Mas paciencia ;  
 O tempo traz consigo muitas cousas ,  
 E talvez dentro em pouco. . . . — Quanto custa  
 Junto da favorita introduzir-se !  
 Nunca D. Maria ,  
 Nossa digna rainha , tanto tempo  
 Me tem feito esperar á sua porta.

Se, ao menos, a bella confidente,  
 Essa cruel Ignez, aqui 'stivesse,  
 O tempo passaria mais ligeiro.  
 Paciencia! Porém, antes que me parta  
 Deste sitio, onde vive a minha deosa;  
 Cupido, que protege aos seus devotos,  
 Ha-de fazer que a sós possa fallar-lhe;  
 E veremos então como resiste  
 Ao luzido argumento que lhe trago.  
 Se com a chave d'ouro pôde Jupiter  
 Na torre de Danae introduzir-se,  
 Eu, que tenho uma chave de diamantes.  
 Não ficarei na rua muito tempo.  
*Vendo abrir-se a porta do aposento.*  
 A final! (Leonor!...)

## SCENA II.

D. GASPAS, LEONOR.

GASPAS, *cortejando.*  
 Minha senhora. . .

LEONOR.

Muito vos agradeço, senhor conde,  
 A pena que por mim haveis tomado.

GASPAS.

E eu, senhora, agradeço ao meu destino  
 A feliz occasião que me depara  
 De vir apresentar-vos  
 As minhas respeitosas homenagens.

LEONOR.

Sois muito lisongeiro, senhor conde;  
 Mas estas occasiões. . . appetecidas,  
 De vós unicamente dependia  
 O fazêl-as nascer.

GASPAS.

Minha senhora,  
 Eu sei reconhecer quanto é devido  
 Palavras para mim tão lisongieras;

Mas sabeis, os cuidados incessantes  
 Do meu cargo, os deveres que na côrte,  
 Na ausencia d'el-rei me detiveram. . .

LEONOR.

Bem comprehendo: a filha d'um soldado,  
 Que dous terços, e mais, de sua vida,  
 Por seu Deos, por seu rei, por sua patria,  
 Verteu em cem batalhas o seu sangue,  
 Sem nunca apparecer nas regias salas;  
 E sómente largou a forte espada  
 No dia em que, no campo da peleja,  
 Cahio o forte braço que a sustinha. . .

GASPAS.

Ah! senhora! . . .

LEONOR.

Uma joven inexperta  
 Sobre quem, por desgraça,  
 Um rei deixou cair as suas vistas,  
 E qu'illudida ao rei amou, julgando  
 Amar um seu igual em nascimento;  
 Uma pobre mulher  
 A quem todos invejam, quando todos  
 Della só deveriam condoer-se;  
 Que chora de continuo a sua sorte;  
 Que dera de bom grado o que lhe resta  
 De vida, por um só daquelles dias  
 Em que viveu feliz e respeitada;  
 E que quanto recebe, reluctante,  
 Da mão do soberano, sem demora,  
 Sobre os pobres derrama com mão prodiga.

GASPAS.

Ah! senhora! e podeis. . .

LEONOR.

Não vos accuso.  
 Como os outros pensais, e como os outros  
 Me julgais; porém breve estarei livre  
 Dos pesados grilhões que me cativam.

O que tenho na mente ha-de cumprir-se ;  
E poderei mostrar a vós, a todos .  
Se compaixão mereço, se desprezo.

GASPAR.

Desprezo ! E quem jámais. . . ? (Não comprehendendo.)

LEONOR.

Emtanto, sou amada, e serei sempre,  
Daquelles cujas penas allivio ;  
De mim se compadeceem ; ultrajada  
Por elles não será minha memoria.  
Sobre a campa rasteira e desprezada  
Da triste Leonor, algumas lagrimas  
Irão verter d'amor e de saudade.  
Ides ter com el-rei ?

GASPAR.

Sim, senhora.

LEONOR.

E partis ?

GASPAR.

Ao romper d'alva.

LEONOR.

Dignai-vos entregar á sua alteza  
Esta carta.

GASPAR.

Sereis obedecida.

E. . . mais nada ?

LEONOR.

Mais nada.

GASPAR.

Agora permittis. . .

LEONOR.

Bastante tempo

Vos hei detido.

GASPAR.

Vós! oh! . . .

LEONOR.

Senhor conde,

Adeos.

GASPAR.

Adeos, senhora.

LEONOR.

Mui severo

Peço-vos não sejais para comigo ;  
E quando alguém, com menos caridade,  
Fallar de mim, tomai minha defeza.

GASPAR.

Oh ! se jámais ouvisse ou me constasse  
Qualquer dito injurioso, incontinente,  
O peito do vilão com esta espada  
Havia trespassar.

LEONOR.

Nada de sangue,

Nem de brigas ! Co'as armas innocentes  
Da florida eloquencia, não com outras,  
Quero que meus amigos me defendam.

GASPAR.

Mas eu . . . Eu cá me entendo. Adeos, senhora.

*Beija a mão a Leonor.*

### SCENA III.

LEONOR.

Assim são elles todos : —

Alegres no semblante,

O sorriso nos labios ;

E lá dentro do peito,

O desprezo, o rancor, que só aguarda  
Propicia occasião para mostrar-se.

O sol já desce á margem d'horizonte ;  
Já não póde tardar o meu Fernando.

Favorita d'el-rei ! Oh ! que destino ! . . .  
Chorar até morrer minha vergonha ! . . .

Chorar até morrer a dita immensa  
 Qu'eu vejo, e que jámais alcançar posso !. . .  
     Amada de Fernando ;  
 Junto delle passar a minha vida,  
 E morrer em seus braços! Oh! que sonho!  
 Mas não passa d'um sonho! . . . Alguem!

## SCENA IV.

LEONOR, IGNEZ.

IGNEZ.

Senhora.

LEONOR.

Ah! finalmente! És tu! porque deixar-me  
 Tanto tempo? Bem sabes que não posso  
 Estar a sós comigo um só momento;  
 Que a solidão me mata.

IGNEZ.

Perdoai-me:

Fui levar vossas dadivas  
 Áquelles infelizes.

LEONOR.

É verdade!

Coitadinhos! Sem pai! . . .

IGNEZ.

E em minha volta,

Como logo vereis, fui retardada.

LEONOR.

Talvez alguma nova travessura.

IGNEZ.

Não sou capaz!

LEONOR.

Emfim, estão contentes?

IGNEZ.

Ah! senhora! Se visseis os transportes  
 Dessa pobre mulher, as doces lagrimas  
 Que banhavam seu rosto;

As benções que chamava sobre a dama  
 Bemfazeja que vem em seu auxilio,  
 Quando lhe assegurei que, d'hoje em diante,  
 Nada havia faltar aos seus filhinhos! . . .

LEONOR.

Ah! Se souberes d'outros infelizes,  
 Comigo venham ter, a qualquer hora.

IGNEZ.

Não vos hão-de faltar.

LEONOR.

Estas riquezas

De que me serviriam, se não fosse  
     Para allivio daquelles  
 Que não podem pedir a seu trabalho  
     O pão de cada dia?

IGNEZ.

Agora, a vossa dama predilecta,  
 Em artes de narrar astuta mestra,  
 Guardou-vos para o fim uma surpresa.

LEONOR.

Uma surpresa!

IGNEZ.

Sim! A pobre viuva,

Não houve meio algum de dissuadil-a,  
 Quiz vir lançar-se aos vossos pés, beijar-vos  
 Essa mão bemfazeja e carinhosa  
 Que salvou da miseria aos seus filhinhos.

LEONOR.

E veio?

IGNEZ.

E lá está com os pequenos.

LEONOR.

Tambem elles?

IGNEZ.

Tambem. Cinco crianças,  
 E cada qual mais linda. A mais crescida  
 É desta altura.

LEONOR.

Vou fallar-lhes.

IGNEZ.

Vamos.

LEONOR.

Tu, não : debes ficar.

IGNEZ.

Como ?

LEONOR.

Fernando

Agora já não tarda. Antes qu'eu volte,  
Póde chegar, e debes recebê-lo.

IGNEZ.

Pois sim, mas d'onde nasce  
Vossa perturbação ?

LEONOR.

Esta entrevista

Vai ser a derradeira. De Fernando  
É mister separar-me.

IGNEZ.

Separar-vos !

LEONOR.

Affonso volta breve. Descuidosa,  
Adormeci na beira d'um abysmo,  
E é tempo d'acordar.

IGNEZ.

E vosso intento...

LEONOR.

Mais tarde o saberás. Já sou contigo. *(Sahe.)*

## SCENA V.

IGNEZ.

Sim, tem ella razão ; é necessario  
Que parta o seu Fernando. El-rei não tarda.  
Qualquer nova entrevista é perigosa ;  
E demais, d'um momento para outro,  
Póde o fatal segredo descobrir-se.

Aquelle D. Gaspar, que de continuo  
Com seus nescios amores m'atormenta,  
Suspira pela volta da rainha,  
E minha ama detesta interiormente.  
Se jámais... Não me engano... Sim... é elle!..  
Para aqui se dirige : e se Fernando...

## SCENA VI.

IGNEZ, D. GASPAR.

GASPAR.

Ignez ! formosa Ignez ! porque fugir-me,  
Se nas laureas tranças do cabelo  
O triste coração me levais preso ?

IGNEZ.

Perdoai-me ; que junto de minha ama  
O dever...

GASPAR.

Esperai. Uma vez ultima,  
Em vesp'ra d'ausentar-me desta côrte,  
Eu venho sobre as azas de Cupido  
Mirar-me nesses olhos scintillantes ;  
Que, por meu mal, incendio tão furioso  
No coração sensível atearam-me,  
Qu'está feito uma brasa ; e se benigna  
Não vindes apagal-o, fica em breve  
Em carvão denegrado transformado.

IGNEZ.

Bem me pesa, senhor, que vosso peito  
Envolve um coração tão combustivel,  
E que meus olhos, bem contra vontade,  
Um incendio ateessem tão furioso.  
Mas que posso fazer ? que culpa tenho ?  
Que pretendeis de mim ?

GASPAR.

O que pretendo ?  
Não sabeis, cara Ignez, quanto m'encanta  
Esta vossa innocencia e singeleza.

O que de vós pretendo? Vós, vós mesma,  
Toda vossa pessoa. Em alma e corpo  
Haveis de pertencer-me.

IGNEZ.

É fallar claro!

GASPAR.

E s'alguem pretender que neste mundo  
Outro sujeito existe mais ditoso,  
Co'a ponta desta espada na garganta  
Ha-de gritar: Menti!...

IGNEZ.

E se por elle

Fordes vencido, morrereis gritando:  
Sou dos homens o mais afortunado,  
E ireis certificar-o n'outro mundo.

GASPAR.

Vamos, Ignez; o tempo é precioso...

IGNEZ.

Já comigo bastante desperdiçastes.  
Forçoso é que vos deixe; e sem demora,  
Remontai sobre as azas de Cupido.

GASPAR.

Esperai! esperai! Este negocio  
N'um só momento póde decidir-se.  
Amai Gaspar, fazei-o venturoso,  
E em signal do affecto que lhe tendes,  
Ponde no niveo braço esta pulseira  
De diamantes. Ein?

IGNEZ.

É bem formosa!

GASPAR.

Não os tem a rainha de mais preço.  
Então, que respondeis?

IGNEZ.

São tres pedidos

Que pedem tres respostas. A primeira....

GASPAR.

Fallai...

IGNEZ.

Não póde ser.

GASPAR.

Como?

IGNEZ.

A segunda,

Não póde ser.

GASPAR.

Zombais!... mas...

IGNEZ.

A terceira,

Não póde ser.

GASPAR.

Cruel! ao desespero

Me quereis reduzir?

IGNEZ.

Se fosseis livre...

Para dispôr de vós tendes idade.

GASPAR.

Sim, sou maior.

IGNEZ.

O titulo d'esposa,

De condessa, talvez... mas sois casado.

GASPAR.

Por meus grandes peccados! e marido  
D'uma mulher horrenda.

IGNEZ.

E muito rica.

GASPAR.

Com quem casei por causa do pasmoso  
Amor que ella me tinha.

IGNEZ.

E da fortuna

Pasmosa que vos trouxe em casamento.

GASPAR.

Uma mulher ciosa.

IGNEZ.

E com motivo :

Se sois tão inflammavel !

GASPAR.

E qu'emquanto

Viveu comigo , fez da minha vida

Um verdadeiro inferno.

IGNEZ.

E persuado-me

Não fizestes da sua um paraíso.

GASPAR.

Mas não ha-de viver sempre.

IGNEZ.

É mais moça

Do que vós.

GASPAR.

E se Deos , compadecido ,

Deste mundo a levasse. . .

IGNEZ.

Bom desejo. . . .

Quando o caso aconteça , fallaremos

Das vossas pretensões.

GASPAR.

Olhai qu'eu morro

Se não posso abrandar o vosso peito.

IGNEZ.

Morrer ! É bem lembrado ! e se tal prova  
 Me dais do vosso amor , hei-de adorar-vos ,  
 E juro de chorar-vos noite e dia.

GASPAR.

Ah ! travessa ! . . .

IGNEZ.

Mas ide-vos embora.

Em outra occasião talvez. . . mais tarde ,  
 Possa ouvir-vos.

GASPAR.

Palavras animantes !

Obrigado !

IGNEZ.

(Não tens de que.)

*Meio escuro.*

GASPAR.

Eu vou-me.

Mas primeiro aceitai. . . .

IGNEZ.

Pois sim , aceito ;

Mas uma condição tenho de pôr-lhe.

GASPAR.

Stou por tudo ! fallai !

IGNEZ.

Da vossa parte ,

Á vossa terna esposa vou mandal-a.

GASPAR.

Faltava-me esta só ! Cruel menina !

Com piedosa mão tira-me d'agoa ,

E co'a outra de novo me mergulha ! . . .

Aceitai , por quem sois !

IGNEZ.

Pois sim.

GASPAR.

Victoria !

Aceitou ! Sou feliz !

*Durante as seguintes palavras, Ignez põe uma mão  
 sobre o hombro de Gaspar, e com a outra introduz-  
 lhe destramente na algibeira a pulseira que acaba de  
 receber.*

IGNEZ.

Amavel conde ,

É já noite , parti , parti !

GASPAR.

(Tem medo

De não poder mais tempo resistir-me.)

Um beijo ! um beijo só !

*Ignez recúa , e dá-lhe a mão a beijar.*

Em tua face

Seria mais gostoso. Paciencia !

IGNEZ , *empurrando-o.*

Adeos ! adeos !

GASPAR.

Adeos ! Estou pairando

No quinto céu.

IGNEZ.

Cuidado ! de tão alto

A quéda é perigosa.

GASPAR.

Não receies !

(A batalha a final está vencida ! ) (*Sahe.*)

### SCENA VII.

IGNEZ.

Emfim ! já foi-se ! e á vista do caminho

Por onde vem Fernando ,

Encontrar-se não podem.

Como não ficará quando no bolso

Do gibão a pulseira offerecida

Encontrar esta noite ?

Ah ! se não fosse o medo

D'irrital-o inda mais contra minha ama,

Havia recebê-lo por tal modo ,

Que nunca mais viesse importunar-me.

Occulta seu rancor , mas não m'illude ;

Está sempre tramando alguma cousa ,

E cumpre ter os olhos bem abertos.

Tel-os-hei. — Oh ! lá vem uma barquinha ,

E nella o nosso bello protegido.

Já salta em terra.

*Não se vê saltar.*

### SCENA VIII.

FERNANDO , IGNEZ.

FERNANDO.

Ignez !

IGNEZ.

Em boas horas !

FERNANDO.

Onde está ? onde está !

IGNEZ.

Bravo ! Se tanta

Pressa tendes de ver a vossa dama ,

Como vindes tão tarde ?

FERNANDO.

Minha dama

Ha-de me desculpar , apenas saiba

O forçoso motivo da demora.

IGNEZ.

Isso haveis debater com ella.

FERNANDO.

Vamos ,

Meu gentil pagem, dize. . .

IGNEZ.

Inda esse pagem ! . . .

Se vos torna a mania , tambem torno

A dizer-vos : Não sei ; não comprehendo.

FERNANDO.

Seja como quizeres ; mas, enquanto

Estamos sós , te rogo , te supplico

Me descubras emfim este mysterio.

IGNEZ.

Assim cumpris o juramento ? Juro

Nunca indagar a menor cousa.

FERNANDO.

E tenho

Cumprido o juramento. Mas contigo. . . .

IGNEZ.

Já o disse ; não posso responder-vos.

FERNANDO.

Será pois uma cousa tão terrível !

IGNEZ.

Talvez. Eis vossa dama ; perguntai-lh'o...  
*Sabe.*

## SCENA IX.

FERNANDO , LEONOR.

LEONOR.

Fernando ! meu Fernando !

FERNANDO , *ajoelhando.*  
Minha vida !

LEONOR.

Erguei-vos , cavalleiro.

FERNANDO.

Não ; deixa-me a teus pés agradecer-te  
Esta dita sem par.

LEONOR.

Senhor , erguei-vos ;

Assim o quero.

FERNANDO.

É força obedecer-vos.

LEONOR.

Vem sentar-te a meu lado ; bem , assim ;  
A tua mão nas minhas. Meu Fernando ,  
Sou bem feliz , e tu ?

FERNANDO.

Bem desgraçado !

LEONOR.

E como ?

FERNANDO.

Estes instantes são tão rapidos ;  
E , antes que renasçam tão ditosos ,  
Tem d'arrastar-se tantas , tantas horas  
D'enfado e de saudade !

LEONOR.

(Oh ! se soubera !)

FERNANDO.

Agora sou feliz ; oh ! sim ! Mas breve  
Será força deixar-te , e só existo  
Quando estou a teu lado , como agora ,  
De tanta formosura extasiado ,  
Sentindo contra o meu pulsar teu peito ,  
Ouvindo murmurar em meus ouvidos  
O doce som da tua voz.

LEONOR.

Fernando !

FERNANDO.

Longe de ti , a vida não é vida :  
Ando cego e perdido como o nauta ,  
Que , nas trevas , em meio da tormenta ,  
Batido pelas ondas furiosas ,  
Chama em vão pelo porto suspirado.

LEONOR.

Oh ! não falles assim ! Não é loucura  
Envenenar a dita que gozamos  
Com lugubres memorias do passado ,  
Ou com vãos arreceios do futuro ?  
Esta hora nos pertence.

FERNANDO.

Sim , pertence-nos ;

Mas se vòta tão rapida !

LEONOR.

Oh ! Fernando !

Morrer assim nos braços um do outro. ..  
Não fôra venturosa a nossa sorte ?

FERNANDO.

Contigo , oh ! sim ! porém viver amado  
Não é sorte mais digna d'invejar-se ?

LEONOR.

O futuro. . . quem sabe o que nos guarda ?

FERNANDO.

D'onde nascem tão funebres idéas?  
Ah! de sobra o percebo; algum perigo  
T'ameaça, e não queres descobrir-m'o!  
Temes d'achar em mim tanta vileza  
Que não ouse affrontal-o? Mas, em nome  
Do céo, do meu amor, dize-me tudo;  
E primeiro, quem és?

LEONOR.

Não m'o perguntas!

FERNANDO.

Ainda! Mas não vês que este mysterio  
Me faz enlouquecer! Não, não és livre;  
Algum poder occulto te comprime;  
Bem o vejo; porém uma palavra,  
Uma palavra só. Se, com effeito,  
Sou amado, se posso sem loucura  
Aspirar á ventura de possuir-te,  
Aceita minha mão; sê minha esposa;  
E venham arrancar-te destes braços!

LEONOR.

Tua esposa! Ah! seria o paraíso!  
Mas não posso!

FERNANDO.

Não podes? Mas a causa?

LEONOR.

Escuta. Este papel, ha muito tempo,  
Desejava entregar-te...

FERNANDO.

A mim?

LEONOR.

Recebe-o.

FERNANDO.

O mysterio talvez...

LEONOR.

Não me disseste  
Que prezavas a honra mais que tudo?

FERNANDO.

Assim disse.

LEONOR.

Que queres ganhar gloria  
Pelas armas?

FERNANDO.

Sim, gloria! mas sómente  
Afim de merecer-te.

LEONOR.

Meu Fernando....  
Este escripto assegura o teu futuro...  
Mas é forçoso....

FERNANDO.

Acaba!

LEONOR.

Separar-nos!

FERNANDO.

Separar-me de ti!

LEONOR.

Sim! é forçoso!

Esquecer-me, fugir-me para sempre!

FERNANDO.

Esquecer-te! fugir-te para sempre!  
Onde estou? quem me falla? Mas deliras;  
Esse amor...

LEONOR.

Causaria a tua ruína...

FERNANDO.

E qu'importa! Porém, deixar-te, nunca!

## SCENA X.

FERNANDO, LEONOR, IGNEZ.

IGNEZ.

Senhora! El-rei!

LEONOR.

El-rei!

FERNANDO.

El-rei! disse ella!

IGNEZ.

Vai chegar! (*Sahe.*)

LEONOR.

Eu te sigo.—Meu Fernando,

Toma, lê; sé feliz; e sobretudo,  
Parte já, obedece.

FERNANDO.

Não, senhora!

Não m'háveis de deixar assim!

LEONOR.

Fernando!

FERNANDO.

Não vos deixo partir!

LEONOR.

Queres perder-me?

FERNANDO.

Meu Deos! meu Deos! Mas dize-me...

LEONOR.

Mais tarde;

Um dia saberás. . .

FERNANDO.

Teu nome, ao menos;

Teu nome, só teu nome!

LEONOR.

Leonor.

FERNANDO, com amor.

Leonor!

LEONOR.

Oh! silencio! Ninguém saiba  
Que de mim tal escripto recebeste.  
Adeos! adeos, Fernando! Sé ditoso!

FERNANDO.

Sem ti, jámais!

LEONOR.

Eu te amo, e só a morte  
Poderá arrancar-te deste peito. (*Sahe.*)

## SCENA XI.

FERNANDO.

Leonor! Já se foi! Porém que vejo!

*Correndo com os olhos o papel.*Este posto, estas honras... Compreendo!...  
Ao mancebo sem nome, sem familia,  
Não lhe é dado ligar a sua sorte.  
Seus titulos, seu nobre nascimento  
Entre nós alevanta uma barreira;  
Mas posso e hei-de transpô-la! Não podendo  
Até mim descender, quer qu'eu m'eleve  
Até ella; pois bem, será contente.  
Amada Leonor! tua esperança  
Não será illudida. Teu Fernando  
Por Deos e por ti jura conquistar-te.  
Soldados d'Ismael! vossas bandeiras  
Despregai; ajuntai vossas cohortes.  
Chame a trombeta ao campo da peleja  
Os nobres defensores de Castella.  
No meio dos combates é que devo  
Acabar, ou tornar-me digno della! . .

FIM DO SEGUNDO ACTO

## ACTO III.

## A maldição.

Sala regia, com throno a um dos lados.

## SCENA I.

## GASPAR.

Não ha que duvidar: o santo-padre  
 Recebeu minha carta,  
 E acaba de chegar o seu legado.  
 El-rei communicou a meia duzia  
 De privados seu louco intento, e nunca  
 Poderão recahir suas suspeitas  
 No fingido adversario da rainha.  
 Não ha que recuar. Mulher soberba!  
 Não te basta humilhar  
 Com teu luxo insolente  
 As filhas e mulheres  
 Dos melhores fidalgos de Castella?  
 Não te basta usurpar  
 No debil coração de D. Affonso  
 O lugar que pertence á sua esposa?  
 Roubar-lhe tambem queres a corôa!  
 Sim, teu alvo tal é; não m'enganaram  
 Teus fingidos escrup'los; não m'engana  
 A fingida humildade com qu'enecbres  
 Essa ardente ambição que te devora.  
 Para lançar a mascara e calcar-nos,  
 Esperas impaciente pelo dia  
 Em que a louca paixão de teu amante...  
 Alguem... El-rei!.. Tão triste... Sabe acaso?  
*Retira-se a um dos lados. Entra el-rei melancolico,  
 sem ver Gaspar.*

## SCENA II.

## EL-REI, GASPAR.

REI.

Morada encantadora, onde a seu lado  
 Já passei tantas horas deleitosas,  
 É preciso deixar-vos.  
 A gloria inda nos chama,  
 E cumpre obedecer-lhe. Na verdade,  
 Meu reinado não é dos mais tranquillos!  
 Apenas acabei de suffocar-vos,  
 Discordias intestinas, quando espero  
 Descansar das fadigas, eis que surge  
 Uma guerra estrangeira; e, n'um momento,  
 O placido remanso destes bosques,  
 O brando murmurio destas aguas,  
 Justas, festiões, passeios deleitosos,  
 Tudo cumpre deixar; e mais que tudo,  
 Viver sem Leonor! Malditos Mouros!  
 Caro haveis de pagar o louco arrojo,  
 E os felizes momentos que roubais-me!

*Dando com Gaspar.*

Oh! D. Gaspar! Estais aqui!

GASPAR.

Alteza...

REI.

E porque não fallaveis?

GASPAR.

O respeito...

Quando entrou vossa alteza, estava muito  
 Pensativo, e temi ser indiscreto.

REI.

Eu sonhava acordado. Já cumpristes  
 Minhas ordens?

GASPAR.

A' risca; e jubilosos  
 Para o regio convite se preparam.

REI.

Está bem.

GASPAR.

Eu vou dar á vossa alteza  
Uma grande noticia, que por certo. . .

REI.

Não gosto de rodeios; dizei logo  
Vossa noticia.

GASPAR.

Acaba de chegar-nos  
Um legado do santo-padre.

REI.

E pede-me  
Uma audiencia. A vossa novidade  
Para mim não é nova.

GASPAR.

E vossa alteza ?

REI.

Não posso recebê-lo hoje; mais tarde,  
No dia da partida, e será breve.  
Ide.

GASPAR.

(Quem diabo pôde anticipar-se ? !)

## SCENA III.

EL-REI.

Este jugo tornou-se mui pesado,  
Mas hei-de sacudil-o ! Leonor !  
Em vão, de negra inveja consumidos,  
E com Roma ligados, esses aulicos  
Conspiram contra ti ; em vão pretendem  
Roubar-te o coração de teu amante :  
Para te defender, el-rei só basta.

## SCENA IV.

EL-REI, LEONOR.

REI.

Leonor ! Leonor ! vem a meus braços !  
Tenho apenas dois dias  
A passar a teu lado,  
E mostras evitar minha presença ! . . .

LEONOR.

Senhor. . . .

REI.

E d'onde nasce esta tristeza,  
As lagrimas qu'em vão me dissimulas ?  
Ah ! se a dôr de deixar-me. . . Mas não creio  
Que por mim as derrames. Leonor !  
Não és feliz ?

LEONOR.

Feliz ! E tal pergunta

Ousais fazer-me ! vós ! . . .

REI.

Leonor !

LEONOR.

Quando,

Vendo no rei um simples cavalleiro,  
Do vosso ardente amor enternecida,  
Enganada por vossos juramentos,  
A' borda do sepulchro, onde já dorme  
Abandonei meu pai — desventurada ! —  
Eu julgava seguir o meu esposo !

REI.

Ah ! cala-te !

LEONOR.

Meu pai amaldiçoou-me,  
Morreu longe de mim, sem perdoar-me !  
E, para compensar-me esta desgraça  
Horriavel, sem remedio ; compensar-me

As lagrimas que verto noite e dia ,  
Os remorsos qu'o peito me laceram ,  
A morte que já sinto approximar-se ,  
Responde, que me dêste ?

REI.

Ah ! não prosigas !

LEONOR.

A vergonha !

REI.

Não mais !

LEONOR.

A mais humilde

Filha ou mulher d'um teu vassallo pôde  
Desprezar Leonor. Em que retiro  
Poderei sepultar-me tão profundo ,  
Que não ouça soar em meus ouvidos  
Esta voz infamante, esmagadora —  
Favorita d'el-rei !

REI.

Ah ! desgraçado

De quem jámais ousasse proferir-a !  
Leonor ! enganei-te, fui culpado ;  
Não posso nem pretendo desculpar-me ;  
Mas esse amor immenso que m'inflamma ,  
Que não se desmentio um só momento ;  
Esse amor pelo qual desprezaria  
Minha gloria , meu throno , minha vida ,  
Não pôde merecer-me teu indulto ?

LEONOR.

Ah ! senhor ! não penseis que neste peito  
Eu possa alimentar um sentimento  
De rancor pela offensa recebida.  
Como não perdoar-vos , quando eu mesma  
Hei tanta precisão que me perdoem ?  
Mas ouvi-me. Na falta da ventura  
Qu'esperar já não posso neste mundo ;  
Se quereis restituir-me a paz perdida ,

Se quereis ser de mim abençoado ,  
Permitti que vos deixe.

*Ajoelha.*

REI.

Tu , deixar-me !

LEONOR.

Longe de vós , na solidão d'um claustro ,  
Eu irei sepultar minha deshonra ,  
Expiar lentamente o meu delicto ,  
Orar a Deos por vós , por vossa gloria.  
Não ha-de repellir as minhas preces.  
Da morada celeste onde recebe  
O premio das virtudes , condoído  
Do longo padecer de sua filha ,  
Meu pai ha-de perdoar-me , revogando  
A maldição terrível que lançou-me ;  
E , vendo meus remorsos , minhas lagrimas ,  
O mundo cessará de desprezar-me.

REI, *levantando-a.*

Ergue-te , Leonor ; esta postura  
Não te convém.

LEONOR.

Ouvistes minha supplica . . .

REI.

Ouvi ; e vais ouvir minha resposta :  
Leonor ! ergue a frente. Não te basta  
O amor de teu rei. Tu t'envergonhas  
De reinar sobrè mim , sobre este peito  
Que por outra jámais tem palpitado.  
Da còrte vis intrigas t'apavoram ,  
E temes o desprezo de meu povo.  
Mas deixa-me voltar victorioso ;  
E os mesmos que tramavam tua quèda ,  
A teus pés hus-de vèl-os respeitosos ,  
Quando , á vista de todos , proclamar-te  
Rainha de Castella !

LEONOR.

Eu ! rainha !

Rainha ! e vossa esposa ? !

REI.

Só de nome ,

E este laço fatal vai ser quebrado.

LEONOR.

Que dizeis ? repudiar vossa consorte ?

REI.

Jurei-o pelo sceptro e pela espada ,  
E ha-de cumprir-se.

LEONOR.

Nunca ! Uma corôa !

Havia de queimar a minha frente ! . . .

REI.

Nem mais uma palavra !

Comtante que de ti eu seja amado  
Tudo posso affrontar.

LEONOR.

Senhor ! ouvi. . . .

REI , *prazenteiro.*

Silencio ! el-rei ordena.

Não ha que replicar-lhe. — Mas é tempo ;  
Vai já para o festejo adereçar-te.

Socega o teu espirito ;

Chama o riso a teus labios ;

Confia no teu rei , no teu vassallo.

Inda juro que cedo ha-de cobrir-te

A purpura dos reis.

LEONOR.

(Uma mortalha ! )

*Sahe.*

## SCENA V.

EL-REI, depois D. GASPAR.

REI.

Sim , estou resolvido.

Acharemos um meio

De desviar de nós os santos raios ,

E d'applacar a cólera assaz justa

D'el-rei de Portugal.

(A D. Gaspar que entra.) Então ?

GASPAR.

Alteza ,

A côrte impaciente além aguarda

O momento em que possa apresentar-vos

As suas homenageus.

REI.

Entrem todos ,

E sejam todos bem apparecidos.

*Sahe D. Gaspar. Musica.*

## SCENA VI.

EL-REI, GASPAR, Os CHEFES do exercito, entre  
os quaes está FERNANDO; CAVALLEIROS com  
estandarte; DAMAS; PAGENS, GUARDAS.

CÓRO.

Ouvis a marcia tuba

Ao longe retumbar ?

Inda promete a gloria

As palmas da victoria ;

Não ha que recuar.

Nos campos mauritanos ,

Corramos , Castelhanos ,

Morrer ou triumphar !

REI , *no throno.*

Illustres e valentes defensores

Da religião, da patria e de meu throno !

Das passadas vergonhas esquecidos ,

Os filhos do propheta

Tentam reconquistar o feliz solo

Onde já dominaram seus maiores.

As luas d'Ismael

Vem de novo affrontar a cruz divina ,

E a victoria nos guarda novos louros.

Nossa separação ha-de ser breve ;

E bem cedo , de novo , á vossa frente

Tereis o vosso rei e companheiro.

Mas antes que tornemos

Encontrar-nos no campo da batalha ,

Eu quiz uma vez ultima

Reunir-vos em roda de meu throno ,

Lembrar-vos os triumphos já passados ,

E prometter-vos outros não menores.

Sim , estais aqui todos ;

E todos vos cõheço

Não menos pelos nomes

Que pelos nobres feitos.

Antonio da Silveira , cuja espada

Vale mais que cem lanças africanas ;

Carlos de Sandoval , cuja presença

De per si , no combate , ao mais valente

Quebranta o coração ; Gusmão de Lara ,

Qu'encerrado n'um forte com trinta homens ,

Resistio longo tempo ás investidas

De dois mil sitiantes furiosos ,

E salvou a bandeira castelhana !

Telles Giron , que sempre , antes da luta ,

Jura de triumphar , e nunca falta

Ao nobre juramento. Luiz Herara ,

Que conta entre os avós o grande Cid ,

E sustenta com gloria tal renome.

E vós todos. . . Porém , meus cavalleiros ,

A que vem recordar tantas façanhas ?

O tempo já não póde escurecel-as.

Sois todos esforçados, baluartes

De Castella , e terror dos inimigos.

Mas quem este mancebo cujo rosto

É-me desconhecido ? Algum parente ,

Alliado talvez ?

FERNANDO.

Honra tamanha ,

Alteza , não me cabe.

REI.

Approximat-vos.

Vosso nome ?

FERNANDO.

Fernando.

REI.

Fernando. . . Mas de que ?

FERNANDO.

De nada , alteza.

REI.

Assim , não tendes nome ?

FERNANDO.

Acabo de dizer á vossa alteza

Que me chamo Fernando.

REI.

Na verdade ,

É um nome , porém nomes tão curtos

Não costumam soar em meus ouvidos.

FERNANDO.

Talvez se torne um dia mais comprido.

REI.

Talvez. E vossos pais ?

FERNANDO.

Desconhecidos.

GASPAR.

(Um bastardo !)

FERNANDO, *que ouvro.*

Senhor ! tomai sentido :

Ha palavras que matam.

REI.

(E' valente.)

FERNANDO.

A familia mais nobre , mais illustre ,  
Tem origem plebéa. Se não posso  
Dos meus antepassados ufanar-me ,  
Pois bem , trabalharei afim que possam  
Ufanar-se de mim meus descendentes.

REI.

Muito bem replicado !

FERNANDO , *a Gaspar.*

Ouvi que sois o ramo derradeiro  
De vossa arvore illustre ; pois pretendo  
Ser o tronco da minha.

GASPAR.

Ultimo , sim ; mas não o derradeiro ;  
Pois vêde que este ramo  
Ainda não se acha  
Tão secco e carcomido ,  
Que não possa dar fructo. Ouvis, mancebo ? ! . .  
(Ignez , cruel Ignez !)

REI.

Pelo que vejo  
Quereis seguir as armas ?

FERNANDO.

Se tal não prohibir a vossa alteza.

REI.

Onde fostes criado ?

FERNANDO.

No mosteiro

De Santo Iago.

GASPAR , *ironico.*

Escola muito boa  
Para quem se dedica ao nobre officio  
De defensor da patria !

FERNANDO.

Uma escola , senhor , onde ensinaram-me  
A nunca abrir a boca na presença  
Do meu chefe , sem ser interrogado.  
Quanto mais s'estivesse  
Em presença d'el-rei.

GASPAR.

+ (Forte insolente !)

REI.

Então , meu D. Gaspar ? Este mancebo  
Nunca pisou na côrte ; e todavia ,  
Melhor que tu conhece as etiquetas.

GASPAR.

Mas . . .

REI.

Silencio. — Fernando,  
Louvo em ti este ardor. Mas , a que titulo  
T'apresentas aqui ?

FERNANDO.

Na qualidade  
De capitão de vossa alteza.

GASPAR.

(Bravo !)

REI.

Que dizes ? Capitão ! na tua idade !

FERNANDO.

Vossa alteza foi rei muito mais moço.

REI , *sorrindo-se.*

E' verdade.

FERNANDO.

Aqui tendes a patente.

REI.

Não ha que duvidar ! Stá tudo em regra.  
E quem vol-a alcançou ?

FERNANDO.

Uma pessoa  
Cujo nome não posso revelar-vos ,  
Alteza.

GASPAR.

Não parece á vossa alteza  
Qu'isto tudo tem ares de comedia?...

FERNANDO.

É mesmo uma comedia, onde já temos  
Tres figuras: um rei victorioso,  
Um protector occulto,  
Um pobre aventureiro;  
E só nos falta o grande  
Capitão Mata-Mouros.

GASPAR.

E' de mais! é de mais! e, com licença  
De vossa alteza. . . .

REI.

Acalma esse transporte. . .

Não está costumado

A tratar com pessoas de teu lote,  
E tu mesmo aggredestel-o.

GASPAR.

E' certo. . . . Porém vêde. . . .

*O rei acena-lhe que se cale.*

REI.

Seja tudo o que fôr, esta patente  
Foi por mim assignada;  
E palavra de rei atraz não volta.

*Entregando o pergaminho a Fernando.*

Recebei-a de mim. E' uma divida  
Qu'em presença de todos contrahistes;  
E tenho fé qu'havéis desobrigar-vos.

FERNANDO.

Não só desobrigar-me; pois espero  
Constituir-me credor: e, se o consigo,  
Virei pedir, aqui, á vossa alteza  
A minha recompensa.

REI.

E minha alteza

Não se fará rogada. Cavalleiro,  
Sois ambicioso!

FERNANDO.

Oh! sim! muito ambicioso;  
Pois esse galardão tão suspirado  
Vale mais para mim qu'uma corôa!

REI.

Uma corôa! Agora comprehendo.  
Sómente uma mulher idolatrada  
É que póde antepôr-se a uma corôa.  
E sois amado?

FERNANDO.

Alteza, sou amado.

GASPAR

(De mais a mais!)

REI.

Pois bem, qualquer que seja  
A distancia que della te separa,  
Trata de merecel-a, e será tua.

FERNANDO.

Obrigado, senhor. Esta promessa  
Me torna invulneravel.

GASPAR.

Mas, alteza,  
Jámais. . . . Peço a palavra. . . .

REI.

Vós a tendes.

GASPAR.

Jámais este mancebo em sua vida  
Empunhou uma espada; e como agora. . . .?

FERNANDO.

Na verdade, em taes artes, um noviço  
Deve ser bem noviço; e neste instante,  
Com licença d'el-rei, quero pedir-vos  
Uma lição.

GASPAR.

Pois vinde, e tão completa  
Haveis de recebel-a. . . .

REI.

Um duello! . . .

GASPAR.

Alteza,

Permittís...

REI.

Sim, porém mais tarde. Breve,  
Tempo e lugar tereis mais opportunos :  
Quando está o paiz ameaçado,  
E chama por seus filhos, ai daquelle  
Qu'aventura, sem gloria e sem proveito,  
Uma vida que só pertence á patria!  
É no campo da gloria, face a face  
C'os torpes seguidores de Mafoma  
Qu'havéis de terminar vossa contenda ;  
E o sangue que tingir vossas espadas  
Seja o sangue dos nossos inimigos!  
Qual é vossa divisa, cavalleiro?...

FERNANDO.

Por meu Deos, por meu rei, por minha dama  
Triumphar ou morrer!...

REI.

Nobre divisa!...

FERNANDO.

Agora permitti...

REI.

Para o festejo

Eu te convido.

FERNANDO.

Alteza, não sei como

Agradecer-vos, mas...

REI.

Mas não aceitais.

FERNANDO.

Não 'stá longe o momento da partida. ...

REI.

E tens que preparar-te, despedir-te  
D'alguem, e não pretendo constranger-te.  
Até breve.

FERNANDO.

No campo da batalha!...

REI.

Por Deos!

FERNANDO.

Por nosso rei!

REI.

Por nossas damas!...

*Sahe Fernando no momento em que entra Leonor  
com Iñez.*

FERNANDO.

(Leonor!)

LEONOR.

(Deos! silencio!)

REI.

Leonor,

Que tens? empallideces?...

LEONOR.

Não é nada....

Já passou...

REI, *tomando Leonor pela mão.*

Para a sala do banquete,

Damas e cavalleiros, dirijamo-nos:

Nas azas do prazer o tempo vôe!

Á vista dos trabalhos e perigos,

Que no campo da gloria nos aguardam,

Não é muito que demos á alegria

Estes poucos momentos que nos restam.

CÓRO.

Ouvís a marcia tuba

Ao longe retumbar?

Inda promette a gloria

As palmas da victoria:

Não ha que recuar.

Nos campos mauritanos,

Corramos, -Castelhanos,

Morrer ou triumphar!

*Sente-se fóra um grande rumor.*

## SCENA VII.

OS MESMOS depois BALTHAZAR, seguido de MONGES, um dos quaes traz enrolado um pergaminho do qual pende um sello papal. Outros trazem cirios acesos.

REI.

Que significa ?

BALTHAZAR.

Affonso de Castella!

REI.

Quem sois vós?

BALTHAZAR.

O legado do pontifice!

REI.

E pretendeis...?

BALTHAZAR.

Cumprir o meu mandado.

Rei Affonso!. aqui venho annunciar-te  
A cólera do céu, da santa igreja.  
Cessa de resistir-lhes, se não queres  
Que lance sobre ti o féro anathema  
Com que Roma fulmina os reis sacrilegos.

REI.

É muita audacia! Padre!

Eu sei, como christão, o que se deve  
Ao vigario de Christo: não olvides  
O que se deve ao rei!

BALTHAZAR.

Senhor! em nome

Daquelle de quem sou indigno servo,  
Permitti que vos faça uma pergunta;  
Uma, não mais, senhor; e se a resposta  
Fôr negativa, em vez do sacerdote  
Armado co' o poder do Vaticano,  
Só tereis ante vós o mais humilde  
Dos vassallos.

REI.

Fallai.

LEONOR.

(Onde esconder-me?)

BALTHAZAR.

E' verdade, senhor, que, pelo objecto  
D'uma paixão culpada, pretendestes  
Repudiar vossa esposa?

REI.

E inda o pretendo.

TODOS.

Justo céu! ..

LEONOR.

Não será! antes a morte!

BALTHAZAR.

Ah! senhor! attendei... .

REI.

A nada attendo!..

E pois que o santo-padre  
Foi tão bem informado,  
Saibam todos agora o que mais tarde  
Haviam de saber.

LEONOR, *supplicante*.

Senhor!... .

REI.

Silencio!... .

Apenas regressarmos victoriosos,  
Assentada a meu lado, neste throno,  
Castella saudará sua rainha,  
Leonor de Gusmão.

LEONOR.

Nunca!

BALTHAZAR.

Desgraça!

Mas assim não será. Esta palavra,  
Haveis de revogal-a!

REI.

Hei-de cumpril-a !...

BALTHAZAR.

Eis-me prostrado aos vossos pés. Em nome  
Da vossa gloria neste mundo ; em nome  
Da vossa gloria eterna n'outra vida ;  
Não persistais neste fatal intento.  
Não ouvis trovejar neste palacio  
Os raios formidaveis de São Pedro ? !..

REI.

Trovejem muito embora ! Levantai-vos ,  
E sahi !..

LEONOR.

Pie lade !

BALTHAZAR , *erguido.*

Fugi todos ,

Fugi desta mulher amaldiçoada !..

LEONOR.

Eu morro !..

REI.

Leonor !...

BALTHAZAR.

Fugi !...

TODOS:

Fujamos !..

REI.

Cobardes ! Já é muito ! e tu ,...

BALTHAZAR.

Arreda !...

Arreda ! que re-surge ao pé do throno ,  
Em lugar do vassallo o sacerdote :  
*Tomando das mãos do frade e desenrolando o per-*  
*gaminho.*

Eis a bulla do padre soberano ,  
Escutai reverentes seu decreto.

*Todos ajoelham, menos Balthazar e o rei.*

A clemencia do céo está cansada !...  
Leonor neste instante seja expulsa !...  
Deos o quer !..

REI , *ameaçador.*

Desgraçado !..

LEONOR , *erguida.*

O' terra ! ó terra !

Occulta no teu seio o meu opprobrio !..

REI.

Nada temas !..

BALTHAZAR.

Em vão a criminosa  
Chamará sobre vós a regia colera.  
O raio está lançado ! Fugi todos ,  
Amaldiçoai comigo este palacio !..

TODOS.

Maldição ! maldição !..

LEONOR.

Horror ! horror ! (*Cahe.*)

REI.

Infamia !..

TODOS.

Maldição a Leonor !..

FIM DO TERCEIRO ACTO

## ACTO IV.

## O throno e o altar.

Sala regia.

## SCENA I.

LEONOR, depois IGNEZ.

*Leonor está sentada, encostada a uma mesa, com a face na mão, e entregue á maior agitação.*

LEONOR.

Meu Deus! como sahir de taes angustias?  
Qual será o desfecho d'isto tudo?  
Não m'atrevo a pensal-o.

IGNEZ, entrando, á parte.

(Pobre dama!

Nem sequer um momento de socego.)  
Senhora. . .

LEONOR.

Ignéz! que vens anunciar-me?  
Já chegou?

IGNEZ.

Neste instante.

LEONOR.

Desgraçada!

Em vez de desejar sua presença,  
Tremo, tremo de o ver! . . .

IGNEZ.

A sua entrada

Foi um triumpho. O povo, delirante,  
Com clamores mil vezes repetidos,  
Saúda o vencedor, apregoando-o  
Salvador de seu rei e de Castella.

LEONOR.

E pensar. . . Mas é justo! a nossa sorte  
Deve cumprir-se. A elle, eterna gloria;  
A mim, opprobrio eterno.

IGNEZ.

El-rei manda pedir-lhe  
Ao paço se dirija sem demora.  
Aqui não tarda.

LEONOR.

Sim, ao soberano  
Vai breve descobrir o seu segredo,  
Pedir a suspirada recompensa;  
E quando lhe disserem. . . O' vergonha!  
Para onde fugirei? onde esconder-me? . . .  
*Depois de reflectir um pouco.*  
Sim, é Debs que m'inspira, e não me resta  
Outro recurso.

IGNEZ.

Qual o vosso intento? . . .

LEONOR.

Posso contar comtigo? . . .

IGNEZ.

Até a morte.

LEONOR.

Obrigada. Acharei algum pretexto  
Para evitar as vistas de Fernando;  
E primeiro que possa a D. Affonso  
Abrir seu coração, deste palacio,  
Com o favor da noite, disfarçada,  
Occulta fugirei.

IGNEZ.

Deixar a côrte? . . .

LEONOR.

Já t'o disse, não tenho outro refugio:  
Ou partir, ou morrer.

IGNEZ.

Parti . senhora ;

Mas eu vos seguirei.

LEONOR.

El-rei ! Silencio !. . .

## SCENA II.

## AS MESMAS, EL-REI.

REI, *a Ignez*

Sahi !

IGNEZ, *sahindo.*

(Deos ! que será !)

LEONOR.

(Estremeço !)

REI.

Senhora ,

Entre vossas donzellas

Acaso existe alguma

Que tenha o vosso nome ?

LEONOR.

Senhor. . . Esta pergunta. . . .

REI.

Respondei-me !. . .

LEONOR.

Nenhuma.

REI.

E esta carta, arrancada ao mensageiro

Que só a vós, a vossa confidente,

A queria entregar. . . .

LEONOR.

(Estou perdida !. . .)

REI.

Olhai bem para mim. Podeis dizer-me

A quem é dirigida ? . . .

LEONOR.

Senhor . . . .

REI.

Lêde !

« Amada Leonor. . . . » Vamos !. . .

LEONOR.

Não posso !. . .

REI.

Não podes !. . .

LEONOR.

Castigai-me !

Eu amo e sou amada.

REI.

Desgraçada !. . .

O teu sangue , seu sangue . . . Mas seu nome !. . .

LEONOR.

Nunca !

REI.

Seu nome ! já !. . .

LEONOR.

Podeis matar-me,

Mas nunca o sabereis.

REI.

Mas os tormentos. . . .

LEONOR.

Eis-me prompta : chamai vossos algozes.

REI.

Leonor ! eu te dava uma corôa ,

E tu , tu me mataste !. . .

LEONOR.

Não imploro

Meu perdão ; sou culpada ; castigai-me ,

Tirai-me desta vida miseravel.

REI.

Vai-te ! foge de mim ! esse castigo

Não terás d'esperal-o muito tempo.

*Sahe Leonor.*

## SCENA III.

EL-REI.

Estarei bem desperto ? não é sonho ? . . .  
 Trahido ! escarnecido ! eu , por ella ! . . .  
 Leonor , essa parte mais preciosa  
 De mim mesmo , em que tinha baseado  
 Toda minha ventura sobre a terra ,  
 Perdida para mim . e sem regresso ! . . .  
 Oh ! porque não desceste á sepultura  
 Primeiro que raiasse para Affonso  
 Este dia funesto ? . . . Morta , ao menos ,  
 Bella , pura , adorada , tua imagem  
 Ficaria gravada eternamente  
 Neste peito por ti dilacerado !

Amai uma mulher , idolatrai-a  
 Com todas as potencias de vossa alma ;  
 Levantai-a do pó em que jazia ;  
 Ide affrontar por ella o céo , a terra ;  
 Ponde-lhe na cabeça uma corôa ,  
 Um sceptro em sua mão ; lançai-lhe aos hombros  
 A purpura dos reis ; no regio solio  
 Vosso idolo sentai a vosso lado ;  
 Ajoelhai a seus pés um povo inteiro ;  
 E se por outro objecto , algum momento ,  
 Seu coração voluvel inflammar-se ,  
 Tudo vos pagará com vil perfidia !

Só me cercam traidores . Se não erro ,  
 O mesmo D. Gaspar atraiçooou-me ,  
 Descobrimdo ao pontifice o segredo  
 Que delle confiára ! . . . Porém breve ,  
 Talvez hoje , de Roma emfim me cheguem  
 As provas da traição ; e quando as tenha ,  
 O premio merecido . . . Eil-o que chega .

## SCENA IV.

EL-REI , D. GASPAR.

GASPAR.

Senhor . . . .

REI.

Que me quereis ?

GASPAR.

O mensageiro

D'el-rei de Portugal vem despedir-se.

REI.

Vou recebê-lo . Tudo está mudado .  
 Nós ficamos em paz co' a Lusitania  
 E com Roma .

GASPAR.

Ah senhor ! esta noticia  
 Vai encher d'alegria o povo inteiro .

REI.

Tem razão d'alegrar-se , pois recobra  
 A suspirada paz ; eu , n'um momento ,  
 Perco a felicidade .

*Sahe , acenando a Gaspar que o não siga .*

## SCENA V.

GASPAR , depois FERNANDO.

GASPAR.

E n'um momento ,  
 De meu longo lidar alcanço o fructo ! . . .  
 Longo tempo esperei , mas na cilada  
 Cahiste finalmente , e em tua quéda  
 Arrastas essa amiga devotada  
 Que julgava zombar impunemente  
 Da paixão que por ella m'inflamava .  
 Eis emfim acabado o teu reinado ,

Orgulhosa mulher!... D. Maria  
 Não tarda a recobrar sua influencia;  
 E não pôde esquecer os meus serviços.

FERNANDO, *apparecendo á porta.*

Senhor.... El-rei...

GASPAR.

Que vejo! D. Fernando!

Entraí, bello e valente cavalleiro:  
 El-rei não tarda, e estou encarregado  
 De receber-vos. Corro a prevenil-o.

FERNANDO.

Senhor, estou confuso; e não queria...

GASPAR.

Salvador de seu rei!...

FERNANDO.

Mas sua alteza....

GASPAR.

Salvador de Castella! Feliz joven!...  
 Que gloria! que porvir! (Que não levasse  
 Uma boa estocada!) Sou comvosco.

*Sahe.*

### SCENA VI.

FERNANDO.

Quem diria ser este o mesmo homem  
 Que com tanto desprezo me tratava?!  
 Cortezãos! cortezãos! abjecta raça,  
 Não temais que Fernando vos dispute  
 As honras que comprais por tão vil preço.  
 Leonor!... eis o bem por que suspiro.  
 Para mim qualquer outro não existe.  
 Longe, longe de vós, longe da córte,  
 A seu lado, n'um placido remanso,  
 Á sombra das florestas seculares,  
 Ao murmurio das ondas fugitivas,

Calcando o verde esmalte das campinas,  
 Acharei sobre a terra o paraíso.

Aqui, neste palacio, é que reside;  
 Já estou perto della, e dentro em pouco  
 Hei-de ternar a vél-a tão amante,  
 Tão bella como outr'ora. Esse mancebo,  
 Que sem nome escolheste, sem futuro,  
 Regressa triumphante; mas a gloria,  
 Por ti, por ti sómente a desejava.  
 El-rei m'o prometteu; nenhum obstaculo  
 Já pôde separar-nos. Serás minha!...  
 O' meu peito! contém estes transportes!...  
 Leonor! minha esposa! é bem verdade?!  
 A seu lado, a seus pés, passar a vida...  
 O' ditoso porvir! e só a morte  
 Roubar-me poderá tanta ventura!...  
 El-rei!

*Retira-se a um lado.*

### SCENA VII.

EL-REI, D. GASPAR, FERNANDO.

*El-rei e Gaspar ficam fallando á porta, em  
 meia voz.*

GASPAR.

Porém, senhor, tamanha offensa....

REI.

Tal é minha sentença; ha-de cumprir-se.  
 No sangue da traidora  
 Não, não hei-de manchar a minha dextra.  
 Um perpetuo desterro.... Ide chamal-a....  
 E seja apprehendida sua complice.  
*Sahe Gaspar. El-rei approxima-se e vê Fernando.*  
 Fernando! és tu! meu bravo cavalleiro!...

FERNANDO, *pondo um joelho no chão.*  
Senhor!

REI.

Meu salvador! vem a meus braços!  
A não ser esta espada gloriosa,  
Que de mim recebeste, o meu destino  
Findava-se nos campos de Tarifa.

FERNANDO.

Senhor, só fiz aquillo que faria  
Qualquer dos meus valentes companheiros...  
A fortuna servio-me.

REI.

És modesto.

FERNANDO.

E a gloria de salvar-vos...

REI.

Não me basta.

Falla; pede a teu rei: do teu denodo  
Eu te deixo fixar a recompensa.

FERNANDO.

Já disse á vossa alteza que adorava...

REI.

Uma dama de nobre nascimento.

FERNANDO.

« Trata de merecel-a, e será tua. »  
Assim me respondestes.

REI.

É verdade.

E essa formosa dama?...

FERNANDO.

Só por ella

Este ferro empunhava; só por ella  
Barateeí meu sangue nos combates.

REI.

Pois bem! minha palavra ha-de cumprir-se.  
Seu nome?

*Entra Leonor, que pára á entrada.*

FERNANDO.

Aqui a tendes.

REI.

(Leonor!)

### SCENA VIII.

#### OS MESMOS, LEONOR.

LEONOR.

(Fernando! justo céo!)

FERNANDO.

(Este momento

Decide a minha sorte.)

REI, *a Leonor.*

Approximai-vos.

(Elle! Fernando! o meu rival!) Senhora,  
Este mancebo agora confessou-me  
O seu amor, o vosso...

LEONOR.

(Está perdido!)

REI, *baixo a Leonor.*

Estais em meu poder, e de vós ambos  
El-rei póde vingar-se plenamente.

*Alto.*

Fernando vem pedir-me a vossa dextra....

LEONOR.

Ah! que dizeis?!...

REI.

É vosso soberano

Lh'a concede.

LEONOR.

Qu'escuto!

FERNANDO, *com ternura.*  
Leonor!

REI.

Hoje mesmo será vosso consorte!

FERNANDO.

O' ventura!

LEONOR.

Senhor!

REI.

Sim, dentro em pouco,

Em presença de Deos sereis unidos.

FERNANDO.

Alteza... aos vossos pés... A minha vida,  
Meu sangue, tudo é vosso!...

REI.

Levantai-vos.  
*A Leonor.*

Sem custo cumprireis o juramento.

*Baixo.*Trahiste meu amor; tu m'enganaste  
Como uma cortezã; e el-rei se vinga  
Como é proprio d'um rei.— Vinde, Fernando.  
*Sahe com Fernando.*

## SCENA IX.

LEONOR.

Meu Deos! que tenho ouvido? Meu esposo!  
Não ha que duvidar. O mesmo Affonso  
Ind'agora m'ò disse: na capella  
Tudo já se prepara; e dentro em pouco,  
Em presença de Deos... O' Leonor!  
Tu que não succumbiste a tantas magoas;  
Poderás supportar tantas venturas?!*Casar! casar com elle! a meu esposo*Trazer em dote o meu opprobrio... Ah! nunca!  
Não serei a tal ponto desprezível.  
Ha-de fugir de mim horrorisado,  
Mas ha-de conhecer a desditosa  
Que de sua ternura julga digna.Fernando, meu Fernando! p'ra ser tua  
Um só dia e morrer, houvera dado  
O imperio do mundo; e um abysmo  
E na vida e na morte nos separa.  
Sim, tudo saberás. Desesperada,  
Odiada de ti, terei soffrido  
Quanto póde soffrer um peito humano;  
E se então me julgais assaz punida,  
Deos clemente! levai-me deste mundo!...Já não tarda o momento do supplicio...  
Cruéis! que vos detem? vinde buscar-me!  
Eis-me prompta; partamos; para a festa  
O altar preparai; juncai de flores  
O santo pavimento; resplandeça  
Com mil luzes o templo venerando.  
Entoai para mim os vossos canticos,  
Não d'hymeneo, mas canticos de morte.  
Abri tambem na terra o meu jazigo;  
Lançai uma mortalha sobre a noiva  
Infeliz, que maldita e repellida,  
Amanhã dormirá na sepultura.

## SCENA X.

LEONOR, IGNEZ.

LEONOR.

Alguem!... Ignez.. Ah! vem...

IGNEZ.

O' feliz nova!

Esposa de Fernando!...

LEONOR.

Que proferes ? !

Elle esposar-me ! nunca ! A cruel sorte  
 Não guardou para mim tanta ventura.  
 É tempo de rasgar o véo funesto.  
 Não o saiba por mim , qu'eu morreria  
 De vergonha a seus pés. Vai ter com elle.  
 Saiba qu'essa mulher qu'idolatrava ,  
 A quem queria unir o seu destino ,  
 Foi amante d'el-rei. Quando o souber ,  
 Se parte , se me foge com desprezo ,  
 Não me posso queixar ; mas se , clemente  
 Como um Deos , perdoasse aos meus remorsos...  
 Oh ! servil-o de joelhos ; inda é pouco :  
 Viver por elle só , morrer por elle !  
 Agora , vai-te !...

IGNEZ.

Corro obedecer-vos.

LEONOR.

Entre a vida e a morte , além t'espero. (*Salte.*)

## SCENA XI.

IGNEZ , depois D. GASPAS com GUARDAS.

IGNEZ.

Possa Deos escutar as nossas supplicas !  
 Mas Fernando , onde achal-o tão depressa ? !...  
*Entra Gaspar pelo fundo. Os guardas ficam  
 á entrada.*

GASPAR.

Suspendei ! Estais presa !

IGNEZ.

Quem , eu ? presa ? !

GASPAR.

Sim , por ordem d'el-rei.

IGNEZ.

E que motivo ?

GASPAR.

É cousa que não sei e não m'importa.

IGNEZ.

Eu vos sigo ; porém um só momento.

GASPAR.

Não póde ser.

IGNEZ.

Senhor ! por piedade !

GASPAR.

Não póde ser.

IGNEZ.

Ouvi !...

GASPAR.

Não póde ser.

IGNEZ.

Trata-se d'evitar uma desgraça.

GASPAR.

Não póde ser ! não póde ser !...

IGNEZ.

Malvado !...

GASPAR , *acenando aos guardas que levem Iñez.*  
 Não póde ser.

IGNEZ.

Meu Deos ! que será della ? !...

*Salte com os guardas.*

## SCENA XII.

GASPAR.

Finalmente , já foi-se. Grande teima !  
 Tanta parola , tanta cerimonia ,  
 E tudo para que ? Para ser presa.  
 Uma cousa tão facil custar tanto !

Ah! serpente! tambem chegou-te o dia,  
E se queres ainda escarnecer-me,  
Tempo agora terás e de sobejo!...

*Musica piano-piano.*

Vem chegando o cortejo, e de Fernando  
Vamos ver o consorcio glorioso.

Um vilão, um bastardo, com a bella  
E casta Leonor!... Está direito;  
Nada tem qu'exprobrar-se mutuamente.  
E viva o bello par! Ah! meu Adonis!  
Se podesse colher-te em minhas redes,  
Muito gosto teria em despicar-me!...

### SCENA XIII.

GASPAR, toda a CÔRTE; depois EL-REI, com  
FERNANDO.

CÔRO.

Já no recinto augusto,  
Que brilha illuminado,  
Os noivos doce brado  
Convida ao sacro-altar.

*Entra el-rei com Fernando.*

REI.

Vinde, vinde, Fernando;  
Eu mesmo á minha côrte  
Pretendo apresentar-vos.

FERNANDO.

Alteza, perdoai-me se não posso  
Conter minha alegria  
Vendo realisado tão depressa  
O meu sonho de gloria e de ventura.  
Favor inesperado!  
O soldado sem nome, sem futuro,  
Igualado a tão nobres cavalleiros!...

REI.

Ainda não é tudo.  
Afirm que todos vejam como Affonso  
Sabe recompensar os nobres feitos,  
Vós, vencedor do Mouro, que salvastes  
A vida a vosso rei, cobri-vos, conde  
De Zamora, e marquez de Montreal!...

FERNANDO.

Este titulo!...

REI.

É vosso, e tambem vossa  
Esta insignia.

FERNANDO.

Senhor!

*Põe um joelho no chão, e el-rei passa-lhe um  
collar ao pescoco. Entretanto fallam os cavalleiros  
em voz baixa.*

GASPAR.

Que vos parece?

1º CAVALLEIRO.

Os reis são generosos....

GASPAR.

O preço d'uma infamia.

2º CAVALLEIRO.

É pois verdade?

Este indigno consorcio....

GASPAR.

N'um momento

O vereis; e este pacto vergonhoso  
Desvia de Castella. . . Mas silencio...

Eis a bella marquezia.

## SCENA XIV.

OS MESMOS, LEONOR.

LEONOR.

(É chegado o momento temeroso.  
O que me reservais, justiça eterna?  
Recebeo a mensagem; tudo sabe.  
Já não posso. . . Coragem. . . Deos! é elle!  
É elle, e para mim olha sem cólera!)

FERNANDO.

O altar está prompto. . . Leonor! . . .

LEONOR.

Fernando!

FERNANDO.

Vós tremeis! . . .

LEONOR.

É d'alegria.

FERNANDO.

Encostai-vos a mim, a vosso esposo.

REI, *barxo*.

Leonor. . . sê feliz!

LEONOR.

(A ser um sonho,

O' meu Deos! permiti que nunca acorde!)

CÓRO.

Já no recinto augusto,  
Que brilha illuminado,  
Os noivos doce brado  
Convida ao sacro-altar.

*Todos sahem, menos Gaspar e alguns cavalleiros.*

## SCENA XV.

GASPAR, CAVALLEIROS.

GASPAR.

Então, meu gentil-home', inda duvida?

2º CAVALLEIRO.

S'estou dormindo, peço que m'acordem

1º CAVALLEIRO.

É de mais, meus senhores; e preciso  
Desabafar.

2º CAVALLEIRO.

Casar com Leonor!

GASPAR.

A manceba d'el-rei!

1º CAVALLEIRO.

Oh! que vileza!

GASPAR.

A cingir uma espada inda s'atreve! . . .

1º CAVALLEIRO.

Ousa igualar-se a nós!

2º CAVALLEIRO.

Um miseravel!

1º CAVALLEIRO.

Um vil aventureiro!

2º CAVALLEIRO.

Um vagabundo!

GASPAR.

Um bastardo fugido d'um convento!

2º CAVALLEIRO.

Não lhe podem negar certa coragem,  
Mas sem honra, o que vale?

1º CAVALLEIRO.

Pouco, ou nada.

GASPAR.

Tem-se visto bandidos corajosos  
Que foram bravamente  
Rematar as proezas n'um patibulo.

2º CAVALLEIRO.

Podiam certamente  
Encher-lhe o capacete de dinheiro;  
Mas conde, mas marquez!..

GASPAR.

Ha-de ser principe!

1º CAVALLEIRO.

Não duvido. Uma espada régia, a ordem  
D'Alcantara! Que mais?

2º CAVALLEIRO.

Digno consorte

Da bella Leonor!

1º CAVALLEIRO.

Tudo merece,  
E muito mais ainda!..

GASPAR.

Ouvi, senhores.

Ufano c'os applausos d'uma duzia  
De vilões, seus iguaes; entumecido  
Com seus tit'los, c'o lustre vergonhoso  
Desta sua nobreza d'um só dia,  
Já vistes como o vil aventureiro  
Levantava orgulhoso a sua frente?  
Hoje, iguala-se a vós, a mim, a quantos  
Longa serie d'avós tem illustrado.  
Amanhã, protegido por Affonso,  
Ha-de querer subir iuda mais alto,  
E calcar-nos. Comtudo, se quizerem  
Seguir o meu conselho, o meu exemplo,  
Não terá qu'applaudir-se do triumpho.  
Nenhum de nós lhe falle; e quando queira,

D'atrevido, comnosco entremetter-se,  
Encontre só desprezo; e sua infamia  
Tenha de nós o premio merecido.

TODOS.

Sim! vergonha e desprezo!

GASPAR.

Eis qu'elle chega.

## SCENA XVI.

## OS MESMOS, FERNANDO.

FERNANDO.

O' meu Deos! que fiz eu por merecer-vos  
Tanta felicidade?  
Tit'los, honras, grandezas,  
Que só ambicionava  
Para a seus pés correr deposital-os!  
O favor do monarcha,  
Os applausos da patria; e, mais que tudo,  
A mão de Leonor!  
Meus amigos, meus nobres companheiros,  
Ah! vinde, partilhai minha alegria!..  
Podeis comprehender minha ventura?  
É minha Leonor! é minha esposa!..

GASPAR.

Ha outro bem maior.

FERNANDO.

É qual?

TODOS.

A honra!..

FERNANDO.

A honra, dizeis vós?!  
Onde, e quando faltei aos seus preceitos?  
Recebi-a por dote no meu berço;  
E nenhum desses bens qu'hoje possuo  
Se lhe póde antepór.

GASPAR.

Comtudo , ha outro

Mais bello para vós.

FERNANDO.

Que tenho ouvido?!

Hei-de tirar vingança desta injuria!

Mas não , não é possivel ; enganei-me.

Provai-m'ó ; vossa mão , amigos.

TODOS.

Nunca !

FERNANDO.

Deos ! a mim ! esta affronta ! haveis pagal-a !

Pede sangue !

TODOS.

Pois seja derramado ! ..

FERNANDO.

Vamos ! ..

TODOS.

Vamos ! ..

## SCENA XVII.

OS MESMOS , BALTHAZAR.

BALTHAZAR.

Christãos ! onde correis ?

Suspendei os effeitos desta furia !

FERNANDO.

Deos ! Balthazar !

BALTHAZAR.

Meu filho ! .. meu Fernando !

GASPAR.

Podeis acrescentar : — Feliz consorte

Da casta Leonor !

BALTHAZAR.

Desventurado ! ..

FERNANDO.

Que fiz eu ?

BALTHAZAR.

Que fizeste ? Inda o perguntas ? ! ..

FERNANDO.

Como manchei meu nome , minha fama ?

Ah ! respondei-me !

GASPAR.

Dando a mão d'esposo

Á manceba d'el-rei ! ..

FERNANDO.

A manceba d'el-rei ? Quem ! Leonor ? !

Potencias infernaes ! ..

BALTHAZAR.

Pois ignoravas ? !

FERNANDO.

A manceba d'el-rei ! .. Oh ! que supplicio

Poderia expiar . . .

BALTHAZAR.

Filho ! suspende !

Elles chegam ! ..

FERNANDO.

Pois bem ! Eu os aguardo.

BALTHAZAR.

Foge ! ..

FERNANDO.

Fico !

TODOS.

Fugil ! ..

FERNANDO.

Hei-de vingar-me !

BALTHAZAR.

. Has-de perder-te !. . .

FERNANDO.

Embora ! Após a honra ,  
Póde a vida tirar-me ; mas na face  
Hei-de lançar-lhe a infamia !. . .

GASPAR.

(Está perdido !. . .)

## SCENA XVIII.

OS MESMOS , EL-REI , LEONOR ; toda  
a CÔRTE.

REI.

Onde estamos , senhores ? D'onde nasce  
Tal motim ? — D. Gaspar ! Muito a proposito  
Vos encontro. Dizei-me que castigo  
Merece o fementido , qu'esquecendo  
Antigos e recentes beneficios ,  
Conspira contra mim.

GASPAR.

(Esse é Fernando.)

REI.

Fallai.

GASPAR.

Merece a morte , ou , pelo menos ,  
Uma prisão perpetua.

REI.

Esta sentença

Contra vós a lançastes.

GASPAR.

Senhor !

REI.

Lêde.

*Tira da cinta uma carta , e apresenta-lh'a.*

GASPAR.

(Minha carta !)

REI.

De Roma agora chega-me.  
O traidor foi tambem atraçoado.  
E' justo.

GASPAR , *de joelhos.*

Piedade ! piedade !

REI.

Uma prisão perpetua ! Ide ! Levai-o !. . .  
*Salte Gaspar , levado por guardas.*

## SCENA XIX.

OS MESMOS , menos GASPAR.

REI.

Agora , meus senhores , quem s'atreve  
Aqui ! no meu palacio !. . .

FERNANDO.

Eu !. . .

LEONOR.

(Céos !)

REI.

Fernando ! !

FERNANDO.

Senhor , tudo vos devo ;  
Minha fortuna . . . o tit'lo de marquez . . .  
Esse novo esplendor que me rodeia . . .  
Dignidades . . . thesouros . . . privilegios.  
Esses bens invejados , poderia  
Pagal-os com meu sangue ; mas compral-os  
A preço da minha honra , é muito caro !. . .

REI.

Escuta-me , Fernando . . .

FERNANDO.

Já sei tudo.

LEONOR.

(Tudo sabe ! Ignorava pois !)

FERNANDO.

Alteza !

Para este trato infame , precisaveis  
D'um home' infame ; e vós , vós m' escolhestes !

REI.

Marquez !...

FERNANDO.

Não sou marquez ! Dos vossos titulos ,  
Das vossas recompensas nada quero !...

REI.

Já é muito , e verás . . .

LEONOR , *ao rei supplicante.*

Senhor ! . . .

*A Fernando.*

Fernando ! . . .

FERNANDO.

Quem sois ? que pretendéis ? Não vos conheço . . .

*Voltando-se para os fidalgos que o insultaram.*

Senhores ! restitui-me a vossa estima.

Eu parto para sempre . De Fernando

Nunca mais ouvireis soar o nome ;

E de todos os bens que m' invejastes ,

Só conservo esse nome , mas sem mancha !

LEONOR.

(Mas Ignez , onde está ? nada lhe disse !)

FERNANDO.

Senhor ! este collar , preço d' infamia ,  
Eu vol-o restituo ; aqui o tendes !

*Atira com elle ao chão.*

Esta espada aviltada , qu'inda ha pouco  
Gelava de terror aos Sarracenos ,

Aos vossos pés a quebro . . .

Pois sois el-rei ! . . . E todos estes titulos  
Que deviam pagar o meu opprobrio . . .  
Debaixo de meus pés assim os calco ! . . .  
Vossa mão , cavalleiros ! (*Apertam-lh'a.*)

REI.

Holá ! guardas !..

LEONOR.

Graça , senhor ! não vêdes que delira ? !..

REI.

Prendei este rebelde !

LEONOR.

Piedade !

REI.

Em vão por elle imploras . Este homem  
Já pertence ao algóz.

BALTHAZAR.

Pertence a Deos !

REI.

Obedecei ! — Cobardes ! — Cavalleiros !  
Em nome do monarcha ! . . .

BALTHAZAR , *erquendo um crucifixo.*

Cavalleiros !

Em nome de Jesus crucificado !

REI.

Prendei-os ! . . .

BALTHAZAR.

Arredai-vos ! . . .

REI.

Tremei todos

Da cólera d' Affonso ! . . .

BALTHAZAR.

Tremei todos

Da cólera do céu ! . . .

REI.

Morte affrontosa!

BALTHAZAR.

Eterna perdição! Se dais um passo,  
O céo por minha voz vai fulminar-vos!  
Vamos, filho!...

REI.

Traidores e cobardes!

O meu sceptro calcado, envilecido!...

LEONOR.

Fernando! uma palavra! Antes que partas,  
Escuta Leonor! Não sou culpada!...

FERNANDO.

Deos é grande! Elle póde perdoar-vos;  
Mas eu, nunca!...

LEONOR.

Fernando!...

FERNANDO.

Amaldiçoado

Seja o dia fatal em que nasceste!...  
Vamos!...

LEONOR.

Amaldiçoada!...

REI.

O' Roma! ó Roma!

Hei-de calcar teu sceptro vergonhoso,  
Ou na luta perder o throno, a vida!...

FIM DO QUARTO ACTO

## ACTO V.

## A expiação.

O claustro do mosteiro de Santo-Iago. A' direita, o portico da igreja; á esquerda, uma alta cruz n'uma base de pedra, com alguns degrãos. Aqui e ali, cruzes e sepulturas. Noite de luar. Os primeiros planos estão escurecidos pelas sombras que projectam os muros da igreja. Acaba-se de dar sepultura a uma joven. Um grupo de monges e peregrinos prostrados ao pé da cruz; outro grupo do lado opposto. Alguns monges, espargidos pelo fundo, cavam suas sepulturas.

## SCENA I.

BALTHAZAR, FERNANDO, FRADES e PEREGRINOS.

CÓRO.

No santo asylo  
Em qu'ella jaz,  
A morta virgem  
Repouse em paz.  
Em tua gloria  
Recebe, ó céo!  
Est'alma pura  
Qu'a ti volveo.

*Sahem todos, excepto Balthazar e Fernando.  
Este fica um pouco de parte, com o rosto nas mãos.*

## SCENA II.

BALTHAZAR, FERNANDO.

BALTHAZAR.

Sim! dorme em paz, ó virgem!  
E lá no paraiso, onde recebes  
O premio da virtude,

Ora a Deos por aquelles qu'inda vagam  
Neste valle de culpas e de lagrimas.

Eil-o mais socegado.

Esperança, ventura, já para elle  
Tudo, tudo acabou; já não são cousas  
Que possam pertencer-lhe sobre a terra.  
Mas se ao menos o visse sancado  
Daquelles pavorosos desvarios,  
Amparado por Deos e por seu pai,  
Talvez a paz perdida recobrasse.  
Filho!...

FERNANDO, *comsigo*.

Morta n'aurora de seus dias;  
Ceifada como a flor que, meia aberta,  
De manhã ostentava suas galas,  
E jaz á noite murcha e desfolhada.  
Nascer, soffrer, morrer, eis em resumo  
O que se chama a vida. Oh! estivesse  
Como tu estendido no meu tumulo.  
Mas pouco tardará.

BALTHAZAR.

Coragem, filho!

FERNANDO.

Quando, louco, deixei pelas tormentas  
Deste mundo traidor o feliz porto,  
Bem m'o dis-estes: Filho! has-de voltar!...  
Eis-me, venho buscar a paz profunda  
Que só posso encontrar na sepultura.  
Gloria, fortuna, amor... Oh! que destino  
Era o meu! que porvir! quem nesta vida  
Poderia chamar-se mais ditoso?  
E de tanta ventura, que me resta?

BALTHAZAR.

Deos e teu pai.

FERNANDO.

Perdido! deshonorado!...  
Seu esposo! O' vergonha! seu esposo!...

BALTHAZAR.

Consola-te, meu filho!

Longe do vão bulicio dos humanos,  
No quieto remanso deste claustro,  
Onde cedo, defunto o velho amigo,  
Gozarás a suprema autoridade;  
Cercado d'um prestigio sacro-santo,  
Calcando o diadema dos monarchas,  
Vãos discursos dos homens que t'importam?  
É morto o defensor da fé, da patria;  
E' morto o salvador d'el-rei; é morto  
O amante vilmente atraçoado;  
Mas breve surgirá o sacerdote,  
O ministro do céo, qu'ás suas plantas  
Vé as frentes curvar-se mais altivas;  
Que lança em face aos reis os seus delictos,  
E fulmina ao culpado endurecido  
C'o raio aterrador do Vaticano!...

FERNANDO.

(Infeliz pai! Ainda se lh'antolha  
Glorioso porvir para seu filho;  
Mal sabe que bem cedo  
Terá que lamentar o filho extincto.  
E' mortal a ferida.)

BALTHAZAR.

Meu Fernando,  
Pouco tempo me resta sobre a terra... .

FERNANDO.

Que dizeis?

BALTHAZAR.

Encostado ao filho amado,  
Vencerei facilmente o curto espaço

Que resta a percorrer. Sim, brevemente  
Lá dormirei meu somno derradeiro;  
Mas, antes que o Senhor a si me chame.  
Hei-de ouvir de teus labios  
A palavra — Perdão!

FERNANDO.

Eu perdoar-lhe!

Nunca! nunca!

BALTHAZAR.

Na cruz agonisante,  
Christo não perdoou a seus verdugos?

FERNANDO.

Mas eu . . .

BALTHAZAR.

Mas tu, formado á sua imagem,  
Tambem perdoarás, se tambem queres  
Que no dia supremo te perdõe!

*Em acto de sahir.*

FERNANDO.

Ainda me deixais?

BALTHAZAR.

Por um momento.

FERNANDO.

Irritado talvez?

BALTHAZAR, *sorrindo e abrindo-lhe os braços.*

Quem? eu? . . .

FERNANDO, *abraçando-o e chorando.*

Meu pai!

Deixai-me derramar em vosso peito  
As lagrimas que já conter não posso!

BALTHAZAR.

Chora, meu filho, chora; não te pejes.  
Dos pezares que vêm na juventude

O peito amargurar-nos tão frequentes,  
Grande parte s'escôa com as lagrimas.

FERNANDO.

Voltai breve. Sómente ao vosso lado  
E'-me dado gozar algum socego.  
Longe de vós, entregue ao meu delirio,  
Mil fantasmas horrendos me perseguem.

BALTHAZAR.

Entra no sanctuario. Além m'aguarda  
Um viandante, um triste peregrino.  
Esta noite chegou-me vacillante,  
Exhausto de cansaço,

E cahio a meus pés.

FERNANDO.

Ainda é joven? . . .

BALTHAZAR.

Na flor da mocidade.  
A belleza e candura d'uma virgem.  
Lá espera por mim, inda reclama  
Meu auxilio, talvez o derradeiro.

*Sahe.*

FERNANDO.

Infeliz! Eu tambem inda sou joven,  
E da dôr esgotei o calix todo.

### SCENA III.

FERNANDO.

Sagrado e pavoroso monumento!  
Templo augusto! lagedo sonoro!  
Ermas campas! cyprestes funerarios,  
Em que a brisa nocturna geme e chora!  
Agreste e melancolico recinto,  
Onde agora da lua os frouxos raios  
Lá dormem sobre as agoas murmurantes,

Sobre o campo relvoso em cujo seio  
 Pó, outr'ora animado, ao pó da terra  
 Té o dia final jaz confundido !  
 Santo asylo da paz e do mysterio !  
 Após uma fatal e curta ausencia,  
 Eu volto para vós, e para sempre !  
 Eu volto... Mas que digo? não deixei-vos ;  
 Nunca me retrahi das vossas sombras.  
 Gloria, fortuna, amor, foi tudo um sonbo ;  
 Um sonbo; e o despertar, oh! quão terrivel !

Favorita d'el-rei ! Fatal lembrança,  
 Que não posso apagar, que noite e dia,  
 Ou dormindo ou velando, me persegue!

Oh! que trama infernal! que negro abysmo,  
 Em que vi sepultar-se n'um relampago  
 Meu amor, minha fama, minha vida! ..

Favorita d'el-rei! — Oh! gotta a gotta  
 O meu sangue vertesse; perdoára-lhe.  
 Mas zombar d'um amor tão extremoso,  
     Cobrir-me de vergonha;  
 Em presença do rei, do seu amante,  
 Da côrte, de meus bravos socios d'armas,  
 Fazer-me desposar... Ah! desgraçado!...

Oh! fiai-vos nas ondas procellosas,  
 No negro furacão, na tempestade,  
 Nas moventes aréas do deserto,  
 No tigre a quem quereis roubar os filhos;  
 Mas a mulher!... Insanos! confiai-lhe  
 Vossa vida, e morreis desesperados!...

Emfim, e felizmente,  
 Está proximo o dia do repouso.  
     O tumulo é profundo....  
 Se nelle se dormisse eternamente!...

Oh! contanto, meu Deos, que deste peito  
     Ardente e lacerado,  
     Nada mais sobreviva  
 Para odiar talvez além da tumba  
 Essa que tanto amára sobre a terra!

*Fica sepultado em profunda melancolia. Musica religiosa. Entra Balthazar com alguns monges, que param no fundo. Balthazar fica immovel, os olhos fitos em Fernando, que não dá por elle.*

## SCENA IV.

FERNANDO, BALTHAZAR, MONGES.

BALTHAZAR.

Ainda neste sitio,  
 Submergido em seus negros pensamentos.  
 Dia desventurado em que, cedendo  
 Aos perfidos encantos desta maga,  
 Deixou esta morada silenciosa,  
 Onde outr'ora tão meiga, tão serena,  
 Deslisava comigo a sua vida!  
 Nesse dia fatal perdi meu filho!  
     Fernando!...

FERNANDO.

Quem me chama?...

BALTHAZAR.

Sê homem; sê christão.  
 Ante as aras divinas prosternado,  
     Ao Salvador do mundo  
 Os teus padecimentos offerece,  
 E assim recobrarás a paz perdida.

FERNANDO.

(No tumulo talvez, mas sobre a terra!...)  
 Esse desventurado peregrino?...

BALTHAZAR.

Deixei-o mais tranquillo.  
Inda espero salvá-o ; e se o consigo,  
Quer passar entre nós a sua vida.  
E' talvez um irmão que Deos t'envia.

FERNANDO.

Bem vindo seja !

*Toque de sino.*

BALTHAZAR.

Escuta da capella  
O sino que nos chama.  
Filho , vamos orar.

FERNANDO.

Vamos. Deos ouvirá as nossas preces ,  
E sobre a frente altiva dos culpados  
Seu raio cahirá !

BALTHAZAR.

Sua clemencia  
Iguala seu poder. Onde, em que parte,  
Seu raio cahir póde , que não seja  
Do sangue de seu filho salpicado ? !

*Musica. Entram todos.*

SCENA V.

LEONOR.

*Está mui fraca ; traz habito de noviço ; atravessa  
lentamente a scena , e vai encostar-se a uma arvore.  
Desde a sahida de Fernando até que falle Leonor,  
toca o orgão na capella.*

Fernando ! ó meu Fernando ! em que retiro  
Desta pia morada hei-de encontrar-te ?

E' pois aqui , nesta mansão funérea ,  
Que vieste sepultar tua deshonra ,

Chorar tua ventura aniquilada  
E chamar sobre mim , que tanto amaste ,  
A vingança divina que ferio-me ? ! . . .

Meu Deos ! meu Deos ! fazei que , disfarçada  
Neste trajar humilde e penitente ,  
Possa chegar emfim ao meu Fernando !

Ai ! já não posso . . . Exhausta de cansaço ,  
Cortado o coração de mil angustias . . .  
Com quanta rapidez me foge a vida ! . . .  
E' chegado o momento derradeiro . . .  
Eu vou morrer . . . horror ! . . . morrer sem vel-o ! . . .  
Longe delle morrer ! — Deos piedoso ! . . .  
Vós , que lédes no fundo da minh'alma ,  
Sabeis que fui culpada , não traidora ;  
Que não quiz illudir a meu Fernando.  
Aceito resignada a minha sorte.  
Sim ! morrer , que não tenho outro refugio ;  
Mas morrer a seus pés e perdoada !

*CÓRO na capella.*

Na campa fria  
Em qu'ella jaz  
A morta virgem  
Repouse em paz.

LEONOR.

Qu'escuto ? Na capella  
Pela virgem defunta a Deos invocam . . . .  
Unamos a seu canto minhas preces.

*Ajoelha.*

CÓRO.

Em tua gloria  
Recebe , ó céo !  
Esta alma pura  
Qu'a ti volveo.

LEONOR.

Oh ! quem será essa alma venturosa  
Que , despindo da terra o triste manto .  
Revestida d'angelico esplendor ,  
Á patria celeste feliz volta ? ! . . .

FERNANDO.

Um Deos irado  
Chamas em vão.  
Vai-te ; é já tarde.  
Não ha perdão !

LEONOR.

Meu Deos ! meu Deos ! é elle ! é meu Fernando !  
Inda clama vingança ! Estou perdida !  
Sim ! para mim findou-se tudo . E's morta ,  
Derradeira esperança no meu peito .  
Quero tambem morrer , mas longe d'elle .  
Eu tremo d'encontrar as suas vistas ;  
Tremo qu'inda resôe em meus ouvidos  
A maldicão terrivel que lançou-me .  
Fujamos ! Sim , mas onde ? já não posso . . .  
O chão vacilla , a noite me rodeia ;  
Frio mortal me cõa pelos membros ;  
A mão da morte o peito me comprime . . .  
Ai ! . . . *(Cahe inanimada ao pé da cruz.)*

## SCENA VI.

FERNANDO , LEONOR.

FERNANDO.

Não mais ! não mais ! tão lugubres accents,  
Em vez de serenar o meu espirito ,  
Augmentam meu horror , tornam mais densas  
As trevas que me cercam , mais medonhos  
Os medonhos espectros que me seguem ;

A EXPIAÇÃO.

E fazem-me no peito arder insano  
Mais terriveis as chammas da vingança !

LEONOR.

Meu Deos ! que dôr tamanha !

FERNANDO.

Esta voz ! Illusão do meu delirio ,  
Vens inda , e virás sempre escarnecer-me ?

LEONOR.

Quanto custa morrer !

FERNANDO.

Oh ! não m'illudo !  
Além , ao pé da cruz , enxergo um vulto  
Estendido , talvez o peregrino !

*Vai levantar Leonor.*

Meu irmão !

LEONOR.

*(Seu irmão !)*

FERNANDO.

Coragem ! Desditoso ! em teu estado ,  
Que vens aqui buscar ?

LEONOR.

Entre estas campas ,  
Humilde sepultura ; mas , primeiro ,  
Abraçada c'os joelhos de Fernando ,  
Implorar o perdão de Leonor ! *(Ajoelha.)*

FERNANDO.

Deos ! que vejo ! onde estou ? não é possível !  
Quem virá acordar-me deste sonho ? ! . . .

LEONOR.

Perdão ! perdão !

FERNANDO.

Aqui , esta traidora !

LEONOR.

Chama-me Leonor !

FERNANDO.

Ergue-te , fuge !

LEONOR.

Chama-me Leonor !

FERNANDO.

Nunca , nunca mais sõe em meus ouvidos  
Esse nome odioso , que meus labios  
Nunca mais manchará ! Vai-te !

LEONOR.

Perdõa !

FERNANDO.

Fuge ! Volta ao palacio sumptuoso  
Onde chama por ti teu regio amante.  
Cobrio-te de riquezas e d'infamia ;  
Serás inda mais rica e mais infame.  
Mas não has-de escapar ao teu castigo ,  
E tremendo será como teu crime.  
Verás emfim , no meio do desprezo ,  
Deslustrar-se , murchar , fugir de todo.  
Essa fatal belleza que perdeu-me.  
De dia chorarás , porém já tarde ,  
Tua infamia ; e remorsos vingadores  
Virão encher de horror as tuas noites.  
Vai-te ! longe de ti , nesta morada ,  
Eu descerei tranquillo á sepultura ;  
E os ultimos accentos destes labios  
Serão de maldição !... .

LEONOR , *levantando-se.*

Ah ! não prosigas !

Envolta neste trajo penitente ,  
Entre gelos , espinhos e rochedos ;  
Esmolando em caminho o pão amargo ,

Qu'esta vida infelice prolongou-me ;  
Deixando-me cahir na dura terra  
Quando o cansaço as forças me tolhia ;  
Aparando , insensivel , na cabeça  
Os ardores do sol , o frio orvalho ,  
O rijo vento , as chuvas procellosas. ...  
Eis como aqui chegou-te , finalmente ,  
Essa bella e brilhante Leonor ,  
Que morava em palacios , engolfada  
No seio das delicias , e que um dia ,  
Insensata ! sonhou uma ventura  
Junto á qual nada são as outras todas.  
No meio de tão arduos soffrimentos ,  
Uma só esperanza me sostinha ;  
E queres arrancar-a de meu peito ;  
Queres ver-me morrer desesperada !  
Ah ! Fernando !... .

FERNANDO.

De mim o que pretendes ,  
Tu , que já uma vez m'atraçoaste ?... .

LEONOR.

Não , não houve traição ; por Deos o juro !  
Mas um erro funesto. Não ousando  
Em face confessar-te meu opprobrio ,  
Ignez encarreguei de revelar-te  
O segredo fatal ; e , no momento  
Em qu'ella hia fallar-te , por mandado  
D'el-rei encarcerada !... .

FERNANDO.

(Que diz ella ? !)

LEONOR.

E quando ao sacro-altar me conduziste ,  
Insensata ! julguei me perdoaras !... .

FERNANDO.

(Meu Deos ! será verdade !)

LEONOR.

Oh! não duvides!

À beira do sepulchro não se mente.  
Errante sobre a terra, envilecida,  
Só me resta morrer, mas perdoada!

FERNANDO.

(Ouvindo seus accentos, seus gemidos,  
Sinto morrer meu odio, desfazer-se  
O coração gelado, e renovar-se  
O sonho venturoso que fugio-me.)

LEONOR.

Pelo céu que piedoso  
Minhas preces escudou...

FERNANDO.

Vai-te!

LEONOR.

Pelo amor que tão ditosas  
Nossas almas já tornou!...

FERNANDO.

Amor fatal!

LEONOR.

Pelo pranto que verti,  
Pela morte que m'espera...

FERNANDO.

Não mais!...

LEONOR.

Has-de perdoar-me,  
Ou calcar o meu cadaver!

*Ajoelha.*

FERNANDO.

Leonor!

LEONOR.

Justo céu! Ah! dize ainda  
Este nome que já te foi tão caro!

FERNANDO.

Leonor! . . .

LEONOR.

Piedade!

FERNANDO.

O céu perdôa!

LEONOR.

Mas tu, mas tu, Fernando!

FERNANDO.

Eu te amo!

LEONOR.

Ah! já posso morrer! . . .

FERNANDO.

Viver comigo!

Ergue-te, Leonor! Junto a meu peito  
Vem abrigar-te. Espirito celeste,  
Que n'um dia funesto, hallucinado,  
Cahio da sua esphera luminosa;  
Pobre mulher, que fraca, inexperiente,  
Resvalou no medonho precipicio  
Que debaixo dos pés cavou-lhe o crime!...  
Leonor! ergue a frente! De Fernando  
O coração t'absolve. Teus remorsos  
De sobejo expiaram tua culpa;  
A chamma do amor purificou-te.

LEONOR.

Perdoada!...

FERNANDO.

Que dizes? perdoar-te!

Eu que vi sem morrer as tuas lagrimas,  
Que pude repellir-te de meus braços!  
Ajoelhado a teus pés, é teu amante  
Que deve supplicar-te que perdões!

*Ajoelha.*

LEONOR.

Meu Deos! meu Deos! a vida! ..

FERNANDO.

Sim! a vida!

O amor, o futuro, tudo é nosso!  
Vem! fujamos!

LEONOR.

Fugir! fugir contigo!

FERNANDO.

Sim!

*Musica na capella.*

LEONOR.

Escuta estes lugubres accentos...  
O céo é quem te chama!

FERNANDO.

Chame embora!

LEONOR.

Escuta sua voz! ..

FERNANDO.

Outra mais forte

Brada em meu peito. Vem!

LEONOR.

Um sacrilegio! ..

Oh! não será!

FERNANDO.

Em ti, em ti sómente,  
Está o meu amor, a minha vida.  
Contigo hei-de viver, morrer contigo.  
Nenhum poder já pôde separar-nos.  
És minha esposa; e, para possuir-te,  
Affrontarei a terra, o céo! ..

LEONOR.

Partamos! ..

Deos ha-de perdoar.... Meu Deos! que é isto? ..

FERNANDO.

Leonor!

LEONOR.

E' a morte!

FERNANDO.

Tu deliras!

LEONOR.

E' a morte, Fernando. A mão divina  
Na borda do abysmo vem salvar-te,  
E minha morte vai poupar-te um crime.

FERNANDO.

Morrer! morrer! ah! não! ..

LEONOR.

A luz me foge. ...

Onde estou?

FERNANDO.

Em meus braços.

LEONOR.

Que martyrio!

FERNANDO.

Leonor! minha vida!

LEONOR.

Já é tarde.

FERNANDO.

Meu Deos! meu Deos! ..

LEONOR.

Um dia, além da tumba,  
Seremos reunidos. Minha sorte  
Inda é feliz, pois morro perdoada.

FERNANDO.

Oh! não morrer! ..

LEONOR.

Meu pai! está cumprida  
A vossa maldição. Cossa tremenda,  
A maldição d'um pai! Mas, condoído  
Do meu longo penar, da minha morte,  
Qual no tempo em qu'infante descuidada,  
Eu brincava e dormia no seu collo,  
Estende-me seus braços carinhosos,  
Sorri-se para mim, e me perdôa!

FERNANDO.

Leonor!

LEONOR.

Tua mão! O' meu Fernando!  
Que luz tão pura os ares illumina!  
Que concertos celestes lá resoam!  
Que delicias do peito me trasbordam!  
Vem comigo; partamos; para sempre  
Fujamos deste mundo e seus enganos.  
Aqui a morte; ali... ali... a vida!...

*Expira.*

FERNANDO.

Morta! morta! Mas não, não é possível!  
Deos não é tão cruel; no mais profundo  
Do inferno não fui precipitado!...  
Inda é viva! inda é tempo de salva-a!

*Vai tocar o sino.*

Ah! soccorro! soccorro! Céos e terra!  
Ouvi a minha voz! O' natureza!  
Suspende uma só vez a lei terrível!  
Um milagre! um milagre! Deos clemente!  
Salvai-me Leonor, ou fulminado  
Cáia a seus pés o barbaro assassino!...  
Leonor!...

*Ajoelha ao pé do corpo.*

SCENA VII.

FERNANDO, BALTHAZAR, MONGES, PEREGRINOS.

BALTHAZAR.

Estes gritos... Meu Fernando!...  
Que delirio!

FERNANDO.

Meu pai! eil-a! salvai-a!

Leonor!...

BALTHAZAR.

Leonor! O' céo!...

FERNANDO.

Silencio!

Ella dorme. Se visseis inda agora,  
Muito mais assustado ficarieis.  
Julguei qu'estava morta!...

BALTHAZAR.

(Delirante!)

FERNANDO.

Ella dorme! Infeliz! tão fatigada  
Chegou desta jornada dolorosa!  
Vêde seu coração como palpita;  
Sua mão, qu'era fria como o gelo,  
Aqueci-a nas minhas!...

BALTHAZAR.

(Desgraçado!)

FERNANDO.

Leonor! minha esposa! minha vida!  
Torna em ti: teu esposo é quem te chama.  
Aperta minha mão; abre esses labios  
Qu'inda ha pouco tão meigos me sorriam;

Fita em mim esses olhos, qu'inda ha pouco  
Scintillavam d'amor e de ventura.

Leonor! Leonor! Mas não respondes!  
Muda! fria! insensivel! morta! morta!...  
*Orgão na capella.*

BALTHAZAR.

Deos clemente! acolhei em vossa gloria  
Esta alma arrependida e castigada!...  
Filho infeliz! — E' morto o peregrino.  
Orai por elle.

FERNANDO.

Orai tambem por mim!...  
*Cabe junto a Leonor.*





